

J. J. Antonio Fernandes Ramalho

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

EDIFÍCIOS E SERVIÇOS INDUSTRIAIS

POR

ANGELO DA FONSECA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1933

EDITADA NA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

EDIFÍCIOS E SERVIÇOS
INDUSTRIAIS

EDIFÍCIOS E SERVIÇOS
INDUSTRIAIS

PROF. DR. JOSÉ FERREIRA



IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1955

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE
EDIFÍCIOS E SERVIÇOS
INDUSTRIAIS

POR

ANGELO DA FONSECA



IMPrensa DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1933

RC
MNCT
72
FON

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

INDUSTRIAS
EDIFICIOS E SERVIÇOS

SEPARATA

DO
ANGELINO DA FONSECA

Boletim dos Hospitais

Vol. III



IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1933

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRAS REALIZADAS DESDE 1913 a 1932

Apresentamos hoje o relato circunstanciado das obras realizadas nos Hospitais da Universidade de Coimbra nestes últimos 20 anos.

É um documento que deve interessar tôda a gente: não só aos que vêem naquele estabelecimento apenas o poderoso instrumento de assistência, mas também e principalmente aos que o consideram além de tudo, um dos elementos indispensáveis à integridade Universitária.

De facto — sem grandes Hospitais não podem manter-se os ensinamentos de uma Faculdade de Medicina. E sem a Faculdade de Medicina, não há Universidade: ;E o que seria de Coimbra sem a sua Universidade?!

É preciso encarar o problema assim, na sua máxima latitude, para vermos da importância social dêste empreendimento em que o acaso nos envolveu a partir de 4 de Fevereiro de 1910, quando o nosso saudoso amigo, Dr. António José de Almeida, então Ministro do Interior do Governo Provisório, nos impôs a Direcção dos Hospitais.

A publicação dêste documento visa ainda um outro fim, ou seja o de tornar pública a forma como foram applicados os dinheiros da Nação, nas obras realizadas.

Se é certo que os Tribunais competentes já deram o seu veredicto a tais contas, é, todavia, bem verdade ser nosso desejo que todos fiquem conhecendo o preço dos diversos edificios — uns novos e outros reconstruídos, que formam hoje êsse poderoso núcleo de assistência, êsse formidável instrumento de ensino.

Pusemos neste empreendimento o nosso maior esforço, aliás despido de todo o interesse, no desejo de bem servir a assistência na doença e a Faculdade de Medicina nos seus estudos.

O futuro há-de julgar desta obra — tão modesta como modesta é a pobreza que procura socorrer; tão simples na forma, como de linhas simples é composta a architectura dos seus edificios; mas tão grande na essência que pretende atingir, como é grande tudo o que tem em vista o aperfeiçoamento do ensino, o desenvolvimento da ciência, a solução, enfim, de altos e nobres problemas sociais.

As obras dos Hospitais da Universidade foram realizadas:

I — Com verbas inscritas no orçamento do Ministério das Obras Públicas e Comunicações:

- a) Administradas pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra (anos económicos de 1913-1914 a 1921-1922).
- b) Administradas pela Comissão Autónoma (anos económicos de 1922-1923 a 1931-1932).

II — Com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos (anos económicos de 1927-1928 a 1931-1932).

As verbas inscritas no orçamento privativo dos Hospitais provêm de economias realizadas pela mais severa administração.

Assim, conseguimos apurar nestes 5 anos 3.675.863\$39 para serem applicados em obras de vulto, conforme o indica o mapa III e seu desenvolvimento.

Tudo foi realizado sem afectar a assistência aos doentes que procuraram os nossos Hospitais. Contrariamente, as dietas têm sido sucessivamente melhoradas e, aumentadas as lotações dos seus diversos serviços.

É o que demonstra o mapa IV, pelo qual se vê que:

no ano económico de 1920-1921 a existência média de doentes era de	353
no ano económico de 1931-1932 a existência média de doentes era de	552
no ano económico de 1920-1921 a existência máxima de doentes era de	403
no ano económico de 1931-1932 a existência máxima de doentes era de	602
no ano económico de 1920-1921 doentes tratados.	2.871
no ano económico de 1931-1932 doentes tratados.	5.275
no ano económico de 1920-1921 doentes inscritos nas Consult. Exter.	1.869
no ano económico de 1931-1932 doentes inscritos nas Consult. Exter.	4.103
no ano económico de 1920-1921 número de consultas e tratamentos. .	16.853
no ano económico de 1931-1932 número de consultas e tratamentos. .	60.712

A eloquência destes números é bem elucidativa, pondo em evidência o notável progresso dos nossos Hospitais nestes últimos 10 anos.

Assim, o número de doentes internados subiu de 2.871 para 5.275 e o número de tratamentos nas Consultas Externas passou de 16.853 para 60.712.

Por outro lado, vemos que pelo Ministério das Obras Públicas foram dispendidas verbas na importância de:

de 1913-1914 a 1926-1927.	1.077.854\$45
de 1927-1928 a 1931-1932.	779.715\$15
Num total de	1.857.569\$60

Pelos orçamentos privativos dos Hospitais dispenderam-se de 1927-1928 a 1931-1932 3.675.863\$39.

Estas últimas verbas, se por um lado revelam o esforço administrativo da Direcção dos Hospitais, por outro representam uma generosa protecção dispensada a este estabelecimento pela actual situação política.

É, pois, chegado o momento de apresentar em nome desta Instituição de assistência e ensino a Sua Ex.^a o Senhor Presidente do Ministério e Ministro das Finanças, o Ilustre Professor da nossa Universidade, Dr. António de Oliveira Salazar, com os nossos melhores agradecimentos, as homenagens da nossa admiração e do nosso mais profundo reconhecimento.

I

**VERBAS INSCRITAS NO ORÇAMENTO
DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES**

a) — Obras realizadas pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

A primeira verba consignada no orçamento do Ministério das Obras Pública e destinada a obras nos Hospitais da Universidade foi inscrita no ano económico de 1913 a 1914,

na importância de 12.122\$00 e destinada à construção de retretes e casas de banho do Hospital do Colégio das Artes.

As condições higiénicas em que naquela data se encontravam os Hospitais eram o pior que pode imaginar-se.

Em todo aquele edificio, onde havia cerca de 130 doentes, existia apenas uma retrete no 2.º andar na ala do poente, que por sinal não tinha janela nem ventilação e, esta mesmo, reservada ao pessoal.

Para os doentes, tanto no 1.º como no 2.º pavimento, existiam uns buracos imundos nos limites dumas casas de operações e ao lado da capela, na fachada nascente do edificio.

Em face de tão lamentável situação, e, sendo Administrador dos Hospitais o saudoso Professor Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, conseguimos do Govêrno um subsídio destinado a melhorar estas detestáveis condições higiénicas.

Era Director das Obras Públicas do Distrito de Coimbra o Engenheiro Paulo de Barros Pinto Osório, funcionário distintíssimo, que encarregou o condutor Monteiro de Figueiredo de organizar o projecto e orçamento das casas de banho e retretes dos Hospitais do Colégio das Artes.

Esta obra foi executada pelo empreiteiro José Silva.

No ano económico seguinte 1914-1915 e pelo orçamento do referido Ministério foi gasta a verba de 13.139\$51. Com ela se pagou a primeira instalação eléctrica de certo vulto que se montou em Coimbra.

Reconhecido de facto que não era possível à Faculdade de Medicina prescindir de um serviço condigno de Raios X e electricidade médica, era indispensável montar uma central eléctrica que ao mesmo tempo que servia os Raios X, iluminasse os edificios dos Hospitais.

Foi a casa Harker, Sumner e C.^a, do Pôrto que fêz essas instalações e que foram pagas por esta verba orçamental na importância de 9.000\$00.

Adquiriu-se a caldeira Garreth com máquina anexa, dínamo, quadro de distribuição, bateria, etc. para corrente contínua de 110 W.

Esta caldeira de vapor sobre-aquecido, ao mesmo tempo que servia para carregar a bateria e iluminar o edificio, fornecia o vapor às cozinhas e com ela pela primeira vez o vapor foi conduzido às centrais de esterilização.

Como obras de construção civil neste ano, foi feita uma escada de ligação interna do pavimento da cozinha com o 1.º andar e regularizado um terraço a nascente, tudo na importância de 1.839\$94.

Fêz-se um cano de esgôto das retretes da cozinha, fachada norte, para o colector da Rua Abilio Roque, na importância de 479\$58.

Modificou-se um salão e fizeram-se novos quartos no primeiro pavimento na importância de 1.819\$99.

Estas obras foram feitas pelo empreiteiro Augusto Lopes.

No ano económico de 1915-1916 pelo orçamento do mesmo Ministério foi dispendida a verba de 9.240\$67.

Neste ano comprou-se a caldeira Babcock na importância de 3.799\$79, adquirida em concurso público, e construiu-se a chaminé em que se gastou 1.449\$78.

Os empreiteiros António dos Santos e José Silva fizeram as seguintes obras: Novos quartos no vão do telhado ao sul, na importância de 497\$86; reforma da casa de lavagem de louça e ampliação da dispensa 3.043\$42; e finalmente um caixilho de ferro entre o corredor e a casa da caldeira no valor de 449\$82.

Continuava Director das Obras Públicas do Distrito de Coimbra o Engenheiro Paulo de Barros.

Em 13 de Março de 1916 tomou posse do lugar de Administrador dos Hospitais o

Professor Luís dos Santos Viegas, que muitos e valiosos serviços prestou a este estabelecimento durante a sua gerência.

No ano económico de 1916-1917, pelo mesmo orçamento das Obras Públicas, gastou-se 19.315\$08.

Fizeram-se obras no Colégio das Artes no valor de 13.002\$04 e no Hospital de S. Jerónimo, no valor de 2.817\$77 e o restante (3.495\$27) foi gasto com instalações da caldeira a vapor, pára-raios e diversas canalizações.

Estas verbas foram dispendidas por contracto com o empreiteiro António Maia e por administração directa.

Neste ano realizaram-se os primeiros concursos para as obras de construção do edificio da Lavandaria.

O primeiro teve lugar em 21 de Maio de 1917 e ficou deserto, sendo realizado outro em 27 de Junho do mesmo ano e então appareceram três concorrentes: José Silva, António Maia e António Simões Misarela.

A proposta mais vantajosa foi a do empreiteiro António Maia, pois assim o julgou o Engenheiro Director Paulo de Barros, que infelizmente faleceu neste ano, deixando as melhores recordações na memória de todos os que com elle privaram, sobretudo na Direcção destes Hospitais, que lhe ficou devedora dos mais relevantes serviços pela forma justa e gentilíssima do seu procedimento.

No ano económico de 1918-1919 a verba de 14.982\$34 foi dispendida pela forma seguinte:

7.000\$00, no edificio de S. Jerónimo, comêço da construção do novo andar dos Quartos Particulares, Secretaria, Casa de Aula, etc.

7.982\$34, no Colégio das Artes.

Foi empreiteiro destas obras, António Maia.

Era Director das Obras Públicas do distrito de Coimbra o Engenheiro Xavier da Cunha.

Foi neste ano que, com alguns muros de suporte construídos na cêrca dos Hospitais, tiveram início as obras da Lavandaria.

Em 8 de Abril de 1919 houve novo concurso para a continuação das obras da Lavandaria e das obras do Hospital de S. Jerónimo, — construção do 2.º andar, Secretaria, Casa de Aula, etc.

Houve três concorrentes: José Silva, António Maia e António Simões Misarela.

A proposta mais vantajosa foi a do construtor António Maia, assim o julgou o Director das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo Augusto Xavier da Cunha.

No ano económico de 1919-1920, depois da visita do Senhor Presidente da República, o grande cidadão e nosso muito saudoso amigo Dr. António José de Almeida, a Coimbra, o Ministro das Obras Públicas — Engenheiro Senhor Ernesto Navarro que o acompanhava, impressionado com as obras dos Hospitais, ao chegar a Lisboa, espontâneamente concedeu a verba de 100.000\$00, para a constinuação das mesmas obras.

Desta verba 802\$18 foram gastos no Colégio das Artes, 62.000\$00 no Colégio de S. Jerónimo, e 37.197\$82 no edificio da Lavandaria.

Em 2 de Janeiro de 1920 tomou posse do lugar de Director dos Hospitais o Professor João Duarte Oliveira, a quem este estabelecimento ficou devendo numerosos serviços.

No ano económico de 1920-1921 ficou consignada no orçamento a mesma verba do ano anterior, que foi gasta em trabalhos de fundações destinadas a suportar barreiras da cêrca dos Jesuítas e a servir de alicerce ao edificio da Lavandaria em construção.

b) — Obras realizadas pela Comissão Administrativa Autónoma

Em 17 de Outubro de 1920 foi publicado o Decreto n.º 7.038 sôbre a organização da Administração Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Os serviços externos dos Edifícios e Monumentos Nacionais foram, por virtude desta lei, confiados a duas Direcções uma com sede no Pôrto e outra em Lisboa.

Desta forma os Hospitais ficaram pertencendo à Circunscricção do Norte, e nas suas obras começou a interferência do Director dos Edifícios da Circunscricção do Pôrto.

A partir dêste momento ficaram suspensos todos os trabalhos, a despeito dos esforços que empreendemos no sentido de conseguir a continuação das obras iniciadas.

Infelizmente nada conseguimos, e por isso não se fizeram obras no ano económico de 1921-1922.

Na impossibilidade, porém, de vencer tantas resistências, tantas formalidades, tantas más vontades da Direcção do Norte, solicitámos do Govérno a organização de uma Comissão Administrativa Autónoma, para as Obras dos Hospitais da Universidade, nos termos do art. 25.º do citado Decreto n.º 7.038, de 17 de Outubro de 1920 e, com efeito, em 1 de Fevereiro de 1923 foi publicado o Decreto n.º 8.606 que criou a aludida Comissão.

Foi o Engenheiro Eduardo Pio Soares Leite o primeiro Director técnico nomeado por despacho de 6 de Fevereiro de 1923 que serviu nesta Comissão.

Êste distintíssimo funcionário trabalhou com zêlo, competência e dedicação. Não houve mais dificuldades, todos os trabalhos seguiram com regularidade durante a sua gerência, infelizmente curta, pois que abandonou esta cidade, sendo exonerado a seu pedido, por portaria de 7 de Agôsto de 1924, seguindo para Lisboa onde foi colocado.

No ano económico de 1922-1923 dispendeu-se em obras no Hospital de S. Jerónimo (Quartos Particulares, Secretaria, Casa de Aula, Sala de Operações, etc.) 46.931\$58.

E no edificio da Lavandaria 49.076\$70. Total 96.008\$28.

No ano económico de 1923-1924 a verba dispendida foi de 82.423\$03.

Desta verba 78.696\$08 foram gastos no Hospital do Colégio de S. Jerónimo e 3.726\$95 no edificio da Lavandaria.

Em 28 de Janeiro e em 6 de Fevereiro de 1924 abriram-se concursos para a construção de pavimentos e terraços de cimento armado sôbre os claustros de S. Jerónimo; porém o Engenheiro Soares Leite resolveu fazer esta obra por administração.

No ano económico de 1924-1925 dispendeu-se 217.576\$97 no Hospital de S. Jerónimo nas obras acima referidas, quartos particulares, salas de operações, secretaria, etc.

Em 3 de Março de 1925 foi feito concurso para obras por tarefas operárias e consignados estes trabalhos ao construtor António Maia.

O Director técnico que resolveu esta adjudicação foi o Engenheiro Senhor João de Sousa Tudela, nomeado por despacho de 17 de Setembro de 1924 e que sempre desempenhou as funções dêste cargo com zêlo, competência e o maior interêsse pelos serviços.

No ano económico de 1925-1926 gastou-se 173.333\$34 nas obras do Hospital de S. Jerónimo.

Em 15 de Junho e em 3 de Outubro de 1926 abriram-se concursos para diferentes trabalhos que foram adjudicados ao construtor António Maia, sendo Director técnico o Engenheiro Sousa Tudela.

No ano económico de 1926-1927 a verba dispendida no Hospital de S. Jerónimo foi de 239.850\$00.

Em 22 de Setembro de 1927 houve concurso para obras na Lavandaria.

Apareceram três concorrentes, mas só duas propostas foram abertas em virtude da terceira não ter dado entrada na data estabelecida para o concurso.

Foram concorrentes os srs. Fernando Silva e António Maia.

Verificou-se que a proposta mais favorável era a de António Maia a quem o Engenheiro Senhor João Rangel de Lima, nomeado Director técnico da Comissão das Obras dos Hospitais por portaria de 20 de Maio de 1927, adjudicou estes trabalhos.

No ano económico de 1927-1928 dispendeu-se na Lavandaria 179.729\$28.

Em 6 de Agosto de 1928 fêz-se novo concurso para a continuação das obras da Lavandaria, levantamento de um andar e águas furtadas sobre o edificio em construção, bem como para a cobertura do mesmo edificio, construção de vigas e pavimentos de cimento armado nos andares inferiores.

Foi único concorrente o construtor António Maia, sendo a sua proposta aprovada, por satisfazer às exigências do caderno de encargos, segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1928-1929 gastou-se 149.999\$98 nas obras da Lavandaria.

Em 20 de Abril de 1929 abriu-se concurso para a conclusão das obras da Lavandaria, sendo único concorrente o construtor António Maia, que satisfez às exigências do caderno de encargos e por isso lhe foram adjudicados estes trabalhos por proposta do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1929-1930 gastou-se, com a continuação das obras da Lavandaria, a importância de 149.987\$38.

No ano económico de 1930-1931 gastou-se 149.998\$54 no Hospital de S. Jerónimo, com a reforma da casa da Aula, Laboratório, Sala de Operações, Quartos Particulares (2.º pavimento).

Em 25 de Agosto de 1930 foi feito concurso para a conclusão das obras dos Quartos Particulares no Hospital de S. Jerónimo.

Foi único concorrente o construtor António Maia, sendo a sua proposta aprovada, por estar de harmonia com as condições estabelecidas no mesmo concurso, segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1931-1932 gastou-se 149.999\$97 no Hospital de S. Jerónimo.

Não se fêz concurso em virtude destes trabalhos serem a continuação da empreitada de 1930.

Pelo Decreto n.º 16.791 de 26 de Abril de 1929 publicado no *Diário do Governo*, I série, n.º 97, as obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais ficam a cargo do organismo denominado Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com duas direcções uma ao Norte e outra ao Sul, ambas submetidas a uma Repartição Central.

De harmonia com este Decreto foi remodelada a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, por portaria de 18 de Março de 1932, ficando assim constituída.

Director dos Hospitais, Contabilista dos Hospitais, Director dos Edifícios Nacionais do Norte.

Em 1 de Abril de 1932 o Director dos Edifícios do Norte participou à Direcção dos Hospitais que, em 4 daquele mesmo mês, viria a Coimbra para se instalar a Comissão.

De facto, naquele dia, o aludido Engenheiro visitou os Hospitais e verificou as obras realizadas.

A verba estava gasta e as medições feitas — tudo documentado.

Estávamos no princípio de Abril. A Direcção dos Edifícios do Norte requisitou, em 23 de Julho, a importância de 147.598\$41 para pagamento das obras concluídas e medidas havia, aproximadamente, 4 meses.

II

OBRAS REALIZADAS COM VERBAS INSCRITAS NOS ORÇAMENTOS PRIVATIVOS DOS HOSPITAIS

A partir do ano económico de 1927-1928, foram inscritas no orçamento privativo dos Hospitais verbas destinadas a obras, e provenientes de economias realizadas por esta administração.

Assim, naquele mesmo ano, gastou-se em obras nos Hospitais do Castelo, S. Jerónimo, Colégio das Artes, etc. Esc. 277.478\$63.

Abriu-se os seguintes concursos de arrematação de obras:

Em 27 de Janeiro de 1928, concurso para as obras de construção do cano de esgôto que, partindo da claraboia a norte da cosinha geral, vai ligar com o cano de esgôto, da Rua Abílio Roque. Foram concorrentes os construtores António Maia e Joaquim Alves. A adjudicação foi feita ao construtor António Maia, segundo o parecer de Chefe de Obras, Benjamim Ventura;

Em 30 de Março de 1928, concurso de reparações no edifício do Hospital dos Lázaros. Foi único concorrente o construtor António Maia, cuja proposta foi aprovada, segundo o parecer do mesmo Chefe de Obras, Benjamim Ventura, por satisfazer plenamente ao caderno de encargos;

Em 29 de Junho de 1928, concurso para o fornecimento de materiais e mão de obra para a instalação de Roentgenterapia Profunda, tendo concorrido apenas o construtor António Maia. A sua proposta teve o parecer favorável do Chefe de Obras, Benjamim Ventura, por análogamente satisfazer ao caderno de encargos.

No ano económico de 1928-1929 gastou-se em obras a importância de 842.807\$23.

Esta importância foi dispendida com a continuação das construções do Novo Hospital do Castelo, Lavandaria, em várias reparações nos diversos edifícios dos Hospitais e bem assim, muros de suporte e depósitos para lenha e carvão, nos terrenos da cêrca junto à Rua Abílio Roque.

Foi neste ano que se deu grande impulso às obras do Hospital do Castelo nas quais se dispendeu 254.055\$47.

Fêz-se os seguintes concursos:

Em 26 de Março de 1929, concurso para o fornecimento de material e mão de obra para a reforma da cozinha geral; foi único concorrente António Maia, tendo a sua proposta obtido parecer favorável do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

Em 22 de Abril de 1929, concurso para a continuação das obras da Lavandaria; foi único concorrente o mesmo construtor a quem foram adjudicados estes trabalhos, por parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1929-1930 gastou-se em obras 746.783\$65, sendo esta importância dispendida em várias reparações nos edifícios dos Hospitais, e muito especialmente na continuação, com bastante incremento, das obras do Novo Hospital do Castelo e da Lavandaria.

Fêz-se também na cêrca vários desaterros e arruamentos, julgados indispensáveis ao trânsito dos serviços da Lavandaria.

No ano económico de 1930-1931 gastou-se 950.578\$61. Deu-se ainda maior impulso às obras do Hospital do Castelo, nas quais se applicaram 474.738\$58.

Concluiu-se as obras da Lavandaria e fêz-se grandes reparações em todos os edificios dêstes Hospitais.

Construiu-se a caixa do elevador do Hospital de S. Jerónimo e outras obras acessórias.

Construiu-se um portal de entrada ao fundo da cêrca, e escadarias de serventia no edificio da Lavandaria.

Neste ano tiveram início várias obras que se relacionavam com a futura construção do novo edificio das Consultas Externas tais como: escavações de terrenos na barreira fronteira à fachada poente do edificio da Lavandaria, na barreira fronteira ao edificio dos Quartos Particulares, e bem assim demolição de várias paredes, muros, etc.

Em 15 de Agôsto de 1930, concurso para a construção de um muro de vedação e suporte no extremo da cêrca dos Hospitais, do lado da Rua Abílio Roque.

Foi único concorrente o construtor António Maia, ao qual foi adjudicada a empreitada por parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

Em 12 de Dezembro de 1930, concurso para obras de reparação dos edificios e obras novas, tendo concorrido apenas, o construtor António Maia, cuja proposta foi aprovada segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1931-1932, gastou-se 858.215\$27.

Continuou-se as obras do Hospital do Castelo, do Colégio de S. Jerónimo e fêz-se grandes obras de reparação no Hospital do Colégio das Artes.

Foi neste ano que teve início a construção do edificio das Consultas Externas, a-par com as outras obras que se relacionavam com esta construção, tais como: prolongamento da fachada norte nascente da Sala de Operações-homens, caixa do elevador do Hospital do Colégio das Artes, nova casa para a Central de Esterilizações, Gabinetes para os Directores das Clínicas Cirúrgicas, etc.

Só nestas obras foi dispendida a verba de 263.658\$37.

No Hospital do Colégio das Artes fêz-se obras importantes na transformação e reparação de várias enfermarias e outras dependências, tendo em vista a segurança do edificio, que nalguns pontos ameaçava ruína.

Houve um concurso em 20 de Julho de 1931 para reparações várias dos edificios e obras novas.

Foram concorrentes os construtores António Maia e Augusto Ribeiro Duarte Ralha e as propostas submetidas à apreciação e estudo do senhor Engenheiro João Rangel de Lima, em 20 de Julho de 1931, ao tempo, o último Director técnico da Comissão Administrativa das Obras.

Êste ilustre funcionário que tantos e valiosos serviços tem prestado a estes Hospitais, foi de parecer que as obras deviam ser adjudicadas ao empreiteiro António Maia.

Com este parecer se conformou a Direcção dos Hospitais, sendo a proposta de António Maia aprovada em Conselho de Ministros de 25 de Setembro de 1931.

Foi seguidamente visada pelo Tribunal de Contas, em 7 de Outubro de 1931.

Mapa n.º 1

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação	1913-1914	1914-1915	1915-1916	1916-1917	1917-1918	1918-1919	1919-1920	1920-1921	1921-1922	Total
Hospital do Colégio das Artes	12.122\$00	4 139\$51	5.440\$88	13.002\$04	-\$-	7.982\$34	802\$18	-\$-	-\$-	43.488\$95
Hospital do Colégio de S. Jerónimo.	-\$-	-\$-	-\$-	2.817\$77	-\$-	7.000\$00	62.000\$00	-\$-	-\$-	71.817\$77
Edifício da Lavandaria a vapor.	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	37.197\$82	99.863\$23	-\$-	137.061\$05
Cérea do Hospital do Colégio de S. Jerónimo.	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-
Hospital do Colégio das Artes: Material eléctrico, caldeira, canalizações, pára-raios	-\$-	9.000\$00	3.739\$79	3.495\$27	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	-\$-	16.295\$06
Total	12.122\$00	13.139\$51	9.240\$67	19.315\$08	-\$-	14.982\$34	100.000\$00	9.1863\$23	-\$-	288.662\$83

Desenvolvimento do Mapa n.º 1

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade
pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1913-1914		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Construção de retretes e cabines de banho	-3-	12.122,500
Ano económico de 1914-1915		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Escada de ligação interna do pavimento térreo com o 1.º andar e regularização do pátio e terraço, a nascente.	1.839,594	
Cano de esgotos das novas retretes e cozinha, ao norte, para o colector da Rua Abilio Roque.	479,558	
Modificação de um salão e de novos quartos no 1.º pavimento e novo andar intermédio	1.819,599	
		4 139,551
Total		4 139,551
Ano económico de 1915-1916		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Novos quartos no vão do telhado, na ala sul	497,586	
Casa de lavagem da louça e ampliação nos serviços da Despensa.	3.043,542	
Construção da chaminé da caldeira a vapor.	1.449,578	
Caixilho de ferro na vedação superior da divisória entre o corredor e as casas da caldeira e drenagem das casas de peixe e louças	449,582	
		5.440,588
Total		5.440,588
Ano económico de 1916-1917		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Construção de uma casa de banho e retretes no edifício da Administração . .	-3-	2.817,577
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Construção da chaminé da caldeira a vapor.	112,500	
Pavimento do corredor a ladrilho mosaico, azulejo em paredes e ferragens a assentar no pavimento inferior, junto à cozinha.	729,591	
Reforma da cozinha geral e pavimento da Despensa	310,500	
A transportar	1.151,591	2.817,577

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	1.151\$91	2 817\$77
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	7.537\$82	
Despensa, casa de peixe, refeitório e outros.	799\$73	
Pavimentos e esgotos da cozinha inferior.	442\$00	
Vedação e calçamento da serventia que conduz ao Museu	438\$76	
Cobertura de dois portais na casa da caldeira e máquinas	492\$52	
Ampliação da cozinha da casa do pessoal.	466\$00	
Obras complementares na cozinha da casa do pessoal e assentamento do ascensor para transporte de alimentos para as enfermarias do 2.º pavimento	335\$00	
Pavimentos da sala de dínamos.	539\$80	
Reforma da cozinha geral e pavimento da Despensa	798\$50	
		13.002\$04
Total		15.819\$81
Ano económico de 1918-1919		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório e Farmácia, no 1.º piso, sala de operações, novos quartos, Secretaria, no 1.º andar, e levantamento de 1 andar.	—\$—	7.000\$ 00
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Alvenaria em fundações para consolidação de terrenos.	2.648\$56	
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	4.345\$00	
Assentamento de azulejo nos corredores e vestíbulo da parte do edificio aproveitado para quartos particulares.	988\$78	
		7.982\$34
Total		14.982\$34
Ano económico de 1919-1920		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório, Farmácia, sala de operações, etc.	—\$—	62.000\$00
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Continuação das obras da Lavandaria a vapor	—\$—	37.197\$82
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	—\$—	802\$18
Total		100.000\$00
Ano económico de 1920-1921		
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Continuação das obras da lavandaria a vapor.	—\$—	99 863\$23
Total		99.863\$22

Fornecimento de caldeiras,
maquinismos, materiais diversos e instalações realizadas
pelas Obras Públicas do Distrito de Coimbra,
nos edifícios dos Hospitais da Universidade

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério do Comércio e Comunicações

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1914-1915		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Instalação eléctrica e montagem de um sistema de aquecimento e esterilizações	-§-	9.000\$00
Ano económico do 1915-1916		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Caldeira a vapor (Babcock)	-§-	3.799\$79
Ano económico de 1916-1917		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Instalação da caldeira a vapor	448\$27	
Canalização de água e vapor para complemento de obras.	230\$00	
Instalação de pára-raios de protecção ao edificio e da rede de iluminação eléctrica	1.500\$00	
Reparação das caldeiras, torneiras e assentamento de válvulas.	354\$00	
Ampliação da canalização de água nas dependências ultimamente construídas	495\$00	
Instalação do serviço de vapor na casa de lavagem de louça.	468\$00	
		3.495\$27
<i>Total</i>		3.495\$27

Mapa n.º 2

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade de Coimbra
pela Comissão Administrativa Autónoma

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação	1922-1923	1923-1924	1924-1925	1925-15 26	1926-1927	1927-1928	1928-1929	1929-1930	1930-1931	1931-1932	Total
Hospital do Colégio de S. Jerónimo: Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório, Farmácia, Sala de operações, Quartos particulares	46.931,558	78.696,508	217.576,597	173.333,534	239.850,500	-	-	-	149.998,554	149.999,597	1.056.386,548
Edifício da Lavandaria a vapor: Continuação das obras da Lavandaria	49.076,570	3.726,595	-	-	-	179.729,528	149.999,598	149.987,538	-	-	532.520,529
Total	96.008,528	82.423,503	217.576,597	173.333,534	239.850,500	179.729,528	149.999,598	149.987,538	149.998,554	149.999,597	1.588.906,577

Mapa n.º 3

Obras realizadas pela Direcção dos Hospitais com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos

Designação	Edifício das consultas externas e elevador	Hospital do Castelo	Hospital do Colégio de S. Jerónimo	Hospital do Colégio das Artes	Clínica Dr. Daniel de Matos	Câmara do Hospital do Colégio de S. Jerónimo	Edifício da Lavandaria a vapor	Diversos edifícios	Total
Ano económico de 1927-1928.	—\$—	58.664\$31	14.794\$68	92.257\$15	6.769\$76	39.990\$82	—\$—	64.992\$91	277.437\$63
Ano económico de 1928-1929.	—\$—	254.055\$47	1.714\$00	152.941\$59	2.000\$00	88.371\$27	249.994\$80	93.730\$10	842.807\$23
Ano económico de 1929-1930.	—\$—	287.617\$12	1.124\$00	—\$—	—\$—	27.653\$22	371.836\$30	58.553\$01	746.783\$65
Ano económico de 1930-1931.	54.194\$22	474.738\$58	34.089\$54	47.702\$96	4.631\$00	62.590\$44	169.305\$18	103.326\$69	950.578\$61
Ano económico de 1931-1932.	263.658\$37	75.575\$24	56.889\$99	167.111\$33	—\$—	131.371\$28	—\$—	164.109\$06	858.215\$27
Total	317.852\$59	1.150.650\$72	108.112\$21	460.013\$03	13.400\$76	349.986\$03	791.136\$28	484.711\$77	3.675.863\$39

Desenvolvimento do Mapa n.º 3

Obras realizadas pela Direcção dos Hospitais
com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1927-1928		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Dispensário anti-tuberculoso, gabinetes, retretes e enfermarias para tuberculosos e doenças de pele	-3-	58.664\$31
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	-3-	14.794\$68
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	28.440\$47	
Diversos ladrilhos.	21.246\$25	
Diverso mármore	9.240\$43	
Diversos azulejos.	33.330\$00	
		92.257\$15
<i>Clínica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	-3-	6.769\$76
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reparação e construção de um cano de esgôto, em alvenaria.	-3-	39.999\$82
<i>Diversos edifícios:</i>		
Madeiras, vidraças, cimento, tintas, e outros materiais de construção civil . . .	-3-	64.992\$91
		<u>277.478\$63</u>
Ano económico de 1928-1929		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Enfermarias de tuberculosos, doenças de pele e sífilis — material de construção civil e mão de obra.	130.097\$56	
Enfermaria de doenças de pele e dispensário, idem.	70.146\$19	
Dispensário anti-tuberculoso — diversos azulejos.	24.813\$00	
Diversos ladrilhos.	18.096\$00	
Enfermarias de tuberculosos, doenças de pele e dispensário	10.902\$72	
		254.055\$47
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Pinturas, tanque e reparação do pátio.	-3-	1.714\$00
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Enfermarias P. M. M. e P. T. C. H. — demolição de soalho, assentamento de ladrilhos, beton e azulejos.	24.815\$98	
Roentgenterapia — azulejos.	13.310\$00	
<i>A transportar</i>	38.125\$98	255.769\$47

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	38.125\$98	255.769\$47
Roentgenterapia — Chumbo para fôrro da cabine e isolamento.	1.781\$70	
Cozinha geral — azulejos brancos e ladrilhos.	19.864\$48	
Cozinha geral — mármore	5.042\$87	
Cozinha geral — tarefas operárias e materiais de construção civil	42.922\$14	
Ascensor da cozinha geral — abertura e preparação da caixa.	5.302\$10	
Roentgenterapia — materiais de construção civil, isolamento de chumbo, diversas ferragens, mão de obra, etc.	39.902\$32	152.941\$59
<i>Clinica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Pintura do portão de ferro, gradeamento, etc.	- \$ -	2.000\$00
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Muro de alvenaria de suporte a nascente da cozinha geral	34.213\$40	
Reparação e construção do cano de esgôto, em alvenaria.	15.561\$67	
Continuação da reparação e construção do mesmo cano de esgôto.	11.773\$55	
Depósito de lenhas e carvão e respectivo muro de suporte	26.822\$65	88.371\$27
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Cimento armado, alvenarias, etc.	83.631\$20	
Idem, idem	157.397\$30	
Idem, idem	3.073\$45	
Portões de ferro.	2.721\$60	
Serviços a jornal em escavações, remoções de terreno, etc.	3.171\$25	249.994\$80
<i>Diversos edifícios:</i>		
Madeira, vidraça, cimento, tintas e outros materiais de construção civil	- \$ -	93.730\$10
Total		842.807\$23
Ano económico de 1929-1930		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Rés do chão, 1.º e 2.º andares — alvenarias, tijolo, cantarias, demolições, etc. .	11.081\$69	
1.º e 2.º andares — cimento armado, cantarias rebocos, etc.	100.559\$33	
Quintal e pátio — demolição de paredes, transporte de entulhos etc.	7.629\$44	
Lado do Liceu — demolição de paredes, fundações, cantarias, alvenarias, etc. .	168.346\$66	287.617\$12
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Despesas com rasgos de paredes para o aquecimento.	- \$ -	1.124\$00
<i>Cêrca do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Desaterros, estivações, arruamentos, etc.	- \$ -	27.653\$22
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
1.º andar — salas dos maquinismos, tanques de cimento armado, etc.	80.672\$82	
Portões de ferro.	2.980\$80	
Junto ao edifício — muro de suporte em alvenaria	28.077\$17	
<i>A transportar</i>	111.730\$79	316.394\$34

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	111.730\$79	316.394\$34
Guarnecimento de paredes, caiações interiores e exteriores, cimento armado na «passerele», azulejos, louças sanitárias, caixilharia, etc.	125.596\$75	
Chaminés — alvenarias, manilhas, etc.	4.108\$72	
Farmácia e Laboratórios, 3.º andar — alvenarias, esquadrias, divisórias, tectos, etc.	79.527\$09	
Idem, idem	50.872\$95	371.886\$30
<i>Diversos edificios:</i>		
Madeiras, cal, cimento, tijolo e outros materiais de construção civil.	-§-	58.553\$01
Total		746.783\$65
Ano económico de 1930-1931		
<i>Edifício das consultas externas e ascensor:</i>		
Demolições, alvenarias, beton, cimento armado.	-§-	54.194\$22
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Enfermarias e Dispensário — pinturas, trabalhos de carpintaria, colocação de vidros, grades de ferro, etc.	3.250\$61	
1.º e 2.º andares — caixilhos de janela, portas, etc.	11.970\$55	
Levantamento, demolição de madeiramentos e cobertura de telhados.	84.165\$76	
1.º e 2.º andares — cimento armado.	43.638\$33	
Demolição e construção de paredes e cimalthas, remoção de entulhos, etc.	29.089\$61	
Algerós, guarnecimento e caiações, trabalhos de carpintaria, etc.	14.580\$22	
1.º e 2.º andares — demolições, enchameis, alvenarias, cimento armado.	62.220\$25	
Demolição e levantamento de telhados, beton e assentamento de azulejos, etc.	49.449\$30	
Embossos e rebocos de cimento, cantarias, guarda vassoras, etc.	58.137\$66	
Aparelho e assento de cantarias, alvenarias, demolições, etc.	44.534\$93	
Armários de vão, caixilhos, alizares, cimaltha, camas de tecto, etc.	31.065\$45	
Demolições de reboco, alvenarias, cantarias, cimento armado.	21.334\$54	
Mão de obra em pinturas.	2.783\$50	
Trabalhos de carpintaria, caixilharia, etc.	18.517\$87	474.738\$58
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Caixa para o ascensor — abertura de fundações, escavações, alvenarias a romper, levantamento de lagedo, cimento armado, etc.	-§-	34.089\$54
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Galerias — colunas de ferro e pedestais.	18.358\$29	
Galeria — mão de obra, têlha, madeiras	23.241\$17	
Portaria geral — grades e bandeira de ferro.	6.103\$50	47.702\$96
<i>Clínica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Mão de obra (trabalhadores) e caixilhos de ferro.	-§-	4.631\$00
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Portal — demolições, apeamento de cantarias, alvenarias, etc.	7.169\$36	
<i>A transportar</i>	7.169\$36	615.356\$30

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>A transportar.</i>	7.169\$86	615.356\$80
Portão de ferro.	2.822\$40	
Escadarias de serventia — abertura de fundações, beton, alvenaria, cimento armado, rebocos, cantarias em degraus, etc.	15.091\$72	
Continuação da escadaria de serventia — abertura de fundações, beton, alvenarias e demolições.	37.506\$96	62.590\$44
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Farmácia e Laboratórios — rebocos, guarda vassouras de cimento e assentamento de azulejos	7.996\$46	
Águas-furtadas, Farmácia e Laboratórios — fôrro e camas de tecto, aberturas de vão, tabiques, alizares, cimalthas, caixilharia, portas, alvenarias, etc.	43.248\$79	
Diversos azulejos e mosaicos	9.190\$00	
Farmácia e Laboratórios — mão de obra e pinturas.	2.548\$00	
Diversos materiais, tintas, etc.	7.763\$25	
Águas-furtadas — soalhos, pavimentos, tabiques, guardavassouras, esquadrias etc.	57.617\$39	
Farmácia e Laboratórios — guarnecimento a branco e gesso, emboços, rebocos de cimento a côr, etc.	40.941\$29	169.305\$18
<i>Diversos edificios:</i>		
Diversos mosaicos e ladrilhos.	20.093\$33	
Mão de obra, diversos materiais de construção civil, etc.	83.233\$36	103.326\$69
Total		950.578\$61
Ano económico de 1931-1932		
<i>Edifício das consultas externas e ascensor:</i>		
Caixa para o ascensor, construção da «passerele», etc. — material de construção civil e mão de obra.	82.676\$88	
Continuação da caixa para o ascensor — demolições, escavações em rocha dura, fundações, cimento armado, etc.	114.252\$35	
Idem, idem, na «passerele» e no edificio	66.729\$14	263.658\$37
<i>Hospital da Castelo:</i>		
Azulejos e assentamento dos mesmos, beton e caixilharia.	17.227\$34	
Alvenarias, fundações, beton, rebocos, azulejos, etc.	39.686\$57	
Alvenarias, beton, azulejos, guarnecimentos, etc.	4.870\$18	
Portas para o ascensor, assentamento e ferragens.	2.549\$25	
Jornais, pinturas e grades de ferro	11.241\$90	75.575\$24
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Mão de obra e material de construção civil na portaria.	13.380\$10	
Quartos particulares — material de construção civil e mão de obra na casa de banhos	624\$77	
Quartos particulares — idem, idem na sala de operações	3.503\$89	
Electrologia — material de construção civil e mão de obra	18.239\$82	
Electrologia — idem, idem na escada.	877\$81	
Pergola — idem, idem.	5.846\$30	
<i>Transporte</i>	42.472\$69	339.233\$61

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	42.472,569	339.233,561
Caixa para o ascensor — idem, idem	3.811,522	
Entrada para a casa de aula — idem, idem	3.488,513	
Portas para o ascensor — assentamento de ferragens	2.262,515	
Portal e arcos em cantaria e grade de ferro	4.355,580	56.389,599
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Enfermaria 1. ^a C. C. — material de construção civil e mão de obra	4.284,586	
Enfermaria 3. ^a C. M.	2.978,557	
Claustro — idem, idem	15.371,522	
Enfermaria de Oto-Rino-Laringologia, idem, idem	1.973,545	
Enfermaria de Ortopedia — idem, idem	1.876,591	
Enfermaria de Ortopedia — idem, idem	26.876,541	
Enfermaria 2. ^a C. C. — idem, idem	13.269,551	
Enfermaria 2. ^a C. C. — idem, idem	17.141,512	
Cozinha geral — escadas de comunicação — idem, idem	10.895,539	
Claustro — idem, idem	1.555,504	
Galeria — idem, idem	16.169,547	
Portaria — idem, idem	6.571,510	
Escada da Portaria — idem, idem	6.174,529	
Átrio dos telefones — idem, idem	1.468,539	
Frontaria do balneário — idem, idem	26.292,519	
Escudo Nacional, em cantaria	689,500	
Portaria — portão de ferro, grade e caixilho	6.177,550	
Enfermaria de Ortopedia — vigas de ferro e seu assentamento	7.346,591	167.111,533
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Grades de ferro para o terraço e escadarias	2.566,515	
Escavações de terrenos da encosta, etc. e remoção dos mesmos	43.657,527	
Cano geral de esgotos em alvenaria — material de construção civil e mão de obra	85.147,586	131.371,528
<i>Diversos edificios:</i>		
Jornais — nos serviços de canalizações de água e aquecimento	8.316,550	
Diversos azulejos, mosaicos hexagonal e outros e diversos mármore	80.965,507	
Lavatórios, bacias de retrete e autoclismos	8.742,583	
Jornais em reparações dos diversos edificios	28.216,580	
Madeiras, cal, cimento, vidraça e outros materiais	37.867,586	164.109,506
<i>Total</i>		858.215,527

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Movimento geral dos doentes

Movimento	Anos económicos											
	1920-21	1921-22	1922-23	1923-24	1924-25	1925-26	1926-27	1927-28	1928-29	1929-30	1930-31	1931-32
Existência no dia 1.º de Julho	357	378	386	366	365	365	411	439	529	488	520	549
Entraram	2.514	2.935	2.648	2.652	2.810	3.164	3.678	3.957	3.910	4.149	4.428	4.726
Sairam ou faleceram	2.493	2.927	2.668	2.653	2.810	3.118	3.650	3.887	3.951	4.117	4.399	4.689
Existem em 30 de Junho	378	386	366	365	365	411	439	529	488	520	549	586
Hospitalizados	403	436	414	396	408	449	475	565	549	551	583	602
Existência diária	353,27	383,52	364,70	335,48	340,16	387,23	417,47	467,42	447,57	505,31	527,86	552,84
Média												
Mínima	288	329	312	291	255	324	368	380	312	457	460	485
Doentes tratados	2.871	3.313	3.034	3.048	3.175	3.529	4.089	4.416	4.439	4.637	4.948	5.275
Demora média de cada doente (Dias)	44,91	42,25	43,87	42,68	39,10	40,05	37,26	38,74	36,08	39,78	38,93	38,35
Doentes inscritos	1.869	2.212	2.218	1.663	1.441	1.758	3.225	3.054	3.425	3.614	4.054	4.103
Consultas Externas	16.853	21.904	28.913	24.388	22.367	25.546	28.180	36.289	35.946	44.356	52.881	60.712
Consultas e tratamentos												

III

EDIFÍCIO DA LAVANDARIA

O projecto da Lavandaria foi mandado fazer pelo Engenheiro Paulo de Barros ao condutor Joaquim Maria Monteiro de Figueiredo e apontador Benjamim Ventura, em cumprimento do despacho Ministerial de 5 de Setembro de 1914.

Tal projecto foi aprovado em sessão do Conselho Fiscal de 15 de Março de 1915 e pelo Conselho da Faculdade de Medicina em sessão de 16 do mesmo mês, conforme o disposto no art. 7.º e art. 8.º n.º 2.º do Decreto com força de lei de 27 de Abril de 1911.

Por Portaria de 6 de Novembro de 1915 foi aprovado o orçamento para a construção dêste edificio, na importância de 52.000\$00; e, no ano económico de 1918-1919, tiveram início estas obras, com a construção de alguns muros de suporte na cêrca dos Hospitais.

Esgotada a primeira verba concedida, foi em 4 de Junho de 1923 elaborado novo orçamento pelo senhor Engenheiro Eduardo Pio Soares Leite, actualizando o primeiro.

Êste orçamento, na importância de 1.076.085\$42, foi aprovado por Portaria do Ministério das Obras Públicas de 28 de Julho de 1923, em face do parecer favorável do Conselho Superior do mesmo Ministério n.º 37.081, de 18 de Julho de 1923.

Estas obras foram concluídas no ano económico de 1930-1931, tendo-se nelas dispendido o total de 1.460.717\$62, sendo 669.581\$34 de verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas, e 791.136\$28 de verbas inscritas nos orçamentos privativos dêstes Hospitais.

Comparando-se o total gasto de 1.460.717\$62 com o orçamento actualizado de 1923 na importância de 1.076.085\$42, vê-se que o dispendido além do orçamento, está em relação com as obras suplementares e com o aumento crescente do custo dos materiais e mão de obra, etc., que de 1923 a 1930 tiveram uma subida extraordinária, computada de 20 e 25 %.

O edificio da Lavandaria compõe-se de rés do chão, 3 andares e águas furtadas.

No rés do chão estão instaladas as oficinas de pintura, marcenaria, carpintaria, e serralheria.

No 1.º andar existem as intalações da Lavandaria, provida de máquinas, calandras, hidro-extractores, estufas de desinfecção, câmaras de secagem, etc.; tudo o que há de mais moderno.

No 2.º andar ficam: o Economato, atelier de costura e armazéns gerais de abastecimento.

No 3.º andar está a Farmácia, Laboratório de Física-Química e Laboratório de Cirurgia Experimental.

Nas águas furtadas estão os aposentos do pessoal em serviço permanente e, arrecadações.

Êste edificio está situado na pendente norte dos terrenos da cêrca, confinantes com a Rua Abílio Roque.

A escolha dêste local foi bem justificada pelo condutor Monteiro de Figueiredo no Relatório que acompanhou o projecto, a propósito das obras accessórias que vieram encarecer esta construção.

«O Hospital, diz, não tem outro terreno onde a lavandaria possa ser assente, mas se êsse terreno existisse, certamente que o novo edificio ficaria mais económico; o que porém se não podia evitar era a construção dos muros de suporte ao terreno, visto que êle vai de inverno para inverno escorregando, em virtude da sua grande pendente, e de forma tal, que em pouco tempo o edificio ficará sem base e portanto o desmoronamento em prespectiva».

O deslizamento destas terras começou a operar-se após o corte da Rua Abílio Roque, — naturalmente devido ao modo de extractificação dos rochedos.

Portanto e por êste motivo, mesmo sem a construção ali da Lavandaria, os muros

de suporte tinham de ser feitos. Assim o pensava o Engenheiro Paulo de Barros que, várias vezes, discutindo a abertura da Rua Abílio Roque, manifestou os seus receios pelo edificio do Colégio das Artes.

Não ficou, portanto, mais dispendioso ao Estado o edificio da Lavandaria, pelo facto de se haver construído naquele terreno da encosta; devendo além disso notar-se que, sob o ponto de vista industrial, havia tóda a vantagem em colocar êste estabelecimento naquele local, para utilizar a mesma caldeira nos serviços da cozinha, esterilizações, aquecimento, lavandaria, etc.

Fêz-se por esta forma uma economia notabilíssima: uma só caldeira, pode dizer-se, nutre todo o Hospital.

Em conclusão: com a construção dêste edificio foram feitas obras accessórias importantes como sejam, paredões de suporte, visto o terreno ter uma grande inclinação e de inverno para inverno se verificar o escorregamento de blocos de terra, comprometendo a segurança do ângulo nordeste do edificio do Colégio das Artes.

Houve até um muro na fachada do lado nordeste que em tempos fendeu, sendo nessa altura gateado.

Êsse muro, há pouco demolido, foi reconstruído de novo, e reforçado com um muro gigante.

A construção da nova Lavandaria foi pois morosa e difficil; mas valeu a pena o sacrificio visto constituir um grande serviço prestado à hygiene hospitalar.

Só quem se não lembra das antigas instalações, nas arcadas do Observatório do Marquês de Pombal, ao lado do Hospital dos Lázaros, com aproximadamente um século de existência, onde as roupas, mal lavadas, eram sêcas ao sol, no estendal ali existente sôbre os Arcos do Jardim!

Não havia estufas de desinfecção, nem hidro-extractores, nem máquinas de lavar, etc.!

Foi por estes motivos que validámos os nossos esforços para dotar os Hospitais com um estabelecimento, que satisfizesse os preceitos da hygiene e as exigências do movimento, sempre crescente de doentes.

*

Finalmente, a cêrca dos Hospitais, do lado da lavandaria, encontra-se aberta e o que é mais, pelo acidentado do terreno as terras continuam a invadir a Rua Abílio Roque.

Tem, portanto, o Estado de fazer um muro que vede a cêrca e suporte as terras.

A vedação já foi começada e estão construídos 15^m,50 de muro, faltando para a sua conclusão construir mais 150 metros de extensão, aproximadamente.

Estes trabalhos foram executados em 1928 e de harmonia com o alinhamento dado pela Câmara Municipal.

Em 15 de Agôsto de 1930, foi realizado concurso para a continuação da construção do mesmo muro, sendo esta empreitada adjudicada ao construtor civil António Maia, ao qual lhe foi indicado o resto do alinhamento, por pessoal da mesma Câmara Municipal. Porém, na execução desta empreitada apenas se fizeram algumas excavações, em virtude de haver faltado a verba necessária.

Entretanto, esta obra é urgente, pois a sua falta, permite a passagem livre do público através da cêrca, e a invasão seqüente das dependências hospitalares.

Com tal facto, periga a segurança dos materiais, ferramentas e demais utensílios ali existentes; são devassados os serviços, cozinhas, farmácia, armazens, etc.

A despesa calculada com a construção dos 150 metros de muro que falta é de, segundo, estimativa feita, 75.000\$00.

O espaço adquirido com a construção dêste muro, é muito frio e por isso impróprio para habitações; deve ser aproveitado para barracões destinados a lenha, madeiras, materiais de construção, casa das caldeiras, etc., sendo ali instalado também o depósito de resíduos e forno de incineração.

De facto, para este forno não há lugar mais próprio do que o terreno situado abaixo do depósito de carvão, para lá da zona séptica da Lavandaria, pois assim fica bastante afastado do edificio do Colégio das Artes.

Um grande colector lançado de cima, das vizinhanças da carvoaria, fará convergir todos os detritos para um depósito a elles destinado e que ficará em baixo, colocado sobre o próprio forno.

Mediante uma disposição especial, tais detritos irão caindo pouco a pouco na fornalha e, só depois de reduzidos a cinza, é que o pessoal encarregado deste serviço, deles tem a occupar-se.

Este forno será adquirido no próximo ano económico, se as condições financeiras o permitirem, pois para a sua instalação, é necessário construir uma chaminé própria e bastante alta, a fim de evitar que os produtos da combustão, arrastados pelos ventos, invadam as enfermarias das alas norte e nascente do hospital do Colégio das Artes.

IV

NOVO HOSPITAL DO CASTELO

O Novo Hospital do Castelo, antigamente denominado Hospital dos Lázaros, está situado nos terrenos confinantes com a Rua e Beco dos Militares, Calçada Martim de Freitas e Rua do Arco da Traição.

Este edificio (antigo convento de S. Tiago da Espada e Ordem de Aviz), era muito velho, sendo as instalações o que havia de mais miserável e impróprio para um Hospital. Compunha-se, de facto, de pequenos compartimentos, e numerosos corredores, com insufficiente pé direito, faltando por toda a parte a luz e ventilação.

Os pavimentos, alguns em madeira e outros em tijolo, estavam em péssimo estado: os de madeira, completamente apodrecidos e esburacados, neles predominava toda a espécie de bicharia e lixo; os de tijolo estavam a desfazer-se.

As poucas janelas que existiam, eram acanhadas e algumas vedadas com grades de ferro.

Algumas paredes e abobadas estavam completamente salitradas, ameaçando ruína. Os tectos eram de madeira, encontrando-se de igual modo apodrecidos e em estado de desabamento, bem como os madeiramentos da cobertura, concorrendo para isso o estado deplorável dos telhados.

As poucas retretes que existiam eram imundas e desprovidas da necessária luz e ventilação, exalando permanentemente mau cheiro que se espalhava por todo o edificio.

O aspecto exterior das fachadas era de péssimo efeito, devido à falta de linhas e diversidade de janelas. Enfim, o antigo edificio encontrava-se em estado deplorável, causando a toda a gente a pior das impressões.

Este quadro pode ainda hoje reconstituir-se com as fotografias existentes nestes Hospitais.

Pela descrição feita, vemos que este edificio carecia de uma grande reforma; para isso foi elaborado o respectivo projecto pelo falecido Chefe de Obras, Benjamim Ventura, de harmonia com as indicações fornecidas pela Direcção dos Hospitais.

Estas obras principiaram por grandes demolições e assim, à excepção de algumas paredes e abobadas, bem como de alguns motivos da época, toda a restante parte do edificio foi demolida.

Fizeram-se grandes escavações e desaterros, para rebaixamento e regularização do terreno; desobstruíram-se antigos lojões, os quais foram aproveitados para instalação de vários gabinetes, casas de banho, retretes, arrecadações, etc.

A nova construção, obedecendo exteriormente, ao tipo antigo do edificio, com o

aproveitamento da linda arcada do claustro, grades de ferro forjado e arcos, das cimalthas, pilastras, da fachada voltada ao Liceu e ainda outros motivos, ficou sendo um bom edificio, que obedece aos modernos preceitos da hygiene hospitalar.

Compõe-se de rés do chão, primeiro e segundo andar.

No rés do chão estão instalados os gabinetes de consulta e tratamentos, das Clínicas de Dermatologia e Sifilografia, cabines de banho e douches, casa de despiolhamento e dependências do Dispensário Anti-Tuberculoso.

No primeiro e segundo andar, vêem-se amplas enfermarias, bem ventiladas e boa disposição solar, quartos de isolamento de infecto-contagiosos, salas de pensos, baterias de retretes, casas de banho e de despiolhamento, largos corredores e galerias de cimento aramado para cura de repouso e serventia exterior.

Os pavimentos são servidos por escadarias de cantaria feitas de novo; são construídos em cimento aramado, revestidos uns de ladrilho cerâmico e outros de cimento à côr. As paredes e abobadas aproveitadas, foram despidas dos antigos rebocos salitrados e, depois disso, convenientemente impermeabilizadas e guarneçadas a branco.

Foi restaurada a parte antiga do claustro e adaptados, na entrada principal, três portais de cantaria lavrada do século XVIII, que se encontravam no antigo edificio.

Algumas janelas e portas foram ampliadas e muitas outras construídas de novo; vários corredores antigos, aos quais se deu luz, foram completamente transformados e em parte aproveitados para instalação de vários serviços.

As paredes interiores, na sua maioria estão revestidas de azulejo decorativo, formando lambris e convenientemente guarneçadas a branco.

Em suma: pode dizer-se que foi uma construção inteiramente nova.

Estas obras tiveram o seu início no ano económico de 1927-1928, tendo-se nelas gasto até ao ano económico de 1931-1932 a importância de Esc. 1.150.650\$72.

No primeiro semestre do ano económico de 1932-1933, com o início das obras de prolongamento do corpo do edificio confinante com a Rua dos Militares, bem como com a demolição de antigas habitações adquiridas em tempos por estes Hospitais e ainda vários desaterros, etc., foi dispendida a importância de Esc. 73.247\$16.

Para a conclusão d'este corpo do edificio e construção do muro e gradeamento de vedação, são precisos, segundo estimativa feita, 131.196\$95.

Lotação d'este Hospital depois de concluído — 112 doentes.

V

NOVO EDIFÍCIO DAS CONSULTAS EXTERNAS

Êste edificio está em construção na cêrca dos Hospitais, de encôsto à base do edificio dos Quartos Particulares, ocupando o terreno onde existiam uns barracões de madeira, que serviam de oficinas de carpintaria e marcenaria, cujos serviços passaram para os baixos do edificio da Lavandaria, onde definitivamente ficaram instalados.

Fica voltado ao nordeste, sôbre a cêrca, com magníficas vistas sôbre o bairro de Santa Cruz, provido de grandes janelas que inundam de luz as suas instalações, longe da rua, das poeiras e do público, perfeitamente isolado e ao mesmo tempo, em comunicação directa com todos os serviços.

O edificio do Banco, incluindo a galeria de comunicação com o Hospital do Colégio das Artes, tem 100 metros de comprimento, por 7 metros de largura, em média. A sua construção veio melhorar, sôbre o ponto de vista estético, o aspecto exterior d'este lado do Hospital, que é visto por vários pontos de importância da cidade.

Demais, veio estabelecer uma ligação interna do edificio do Colégio de S. Jerónimo

com o do Colégio das Artes, facilitando o movimento dos diversos serviços e elevadores dos dois Hospitais.

Compõe-se de rés do chão, primeiro e segundo andar, servindo-lhe de cobertura um terraço de cimento armado.

No rés do chão, fica instalada a sala de espera e o Laboratório de Análises Clínicas.

No 1.º andar, que compreende 10 salas, átrio e corredor, — ficam instalados os serviços de consultas de Oftalmologia, Estomatologia, Oto-rino-laringologia, Urologia-homens.

No 2.º andar, com 9 compartimentos, átrios e corredor, ficam os serviços de Cirurgia Geral, Serviços de Urgência, Ginecologia, Urologia-mulheres, Ortopedia, Operações, Raios X, etc.

O terraço será utilizado para cura de repouso e tratamento pelo sol.

Ao lado da Aceitação, funcionarão balneários para serviço dos doentes a hospitalizar, aos quais, depois do banho, serão fornecidas roupas do Hospital, seguindo, as que os doentes trazem, para a Lavandaria, a-fim-de serem desinfectadas e arrecadadas no respectivo depósito.

Junto dos balneários serão condignamente instaladas retretes e urinóis.

A entrada principal para êste edifício será feita pelo lado da Calçada Martim de Freitas, que oferece tôdas as vantagens para o grande movimento destas consultas e que fica por esta forma a servir de entrada a todos os doentes que reclamam serviços hospitalares. O doente é recebido na sala de espera, no rés do chão, e, sendo necessário, colocado em carro-maca que o conduz, pelo ascensor, a qualquer dos pavimentos do edificio. O mesmo carro pode transportar o doente ao ascensor do Hospital do Colégio das Artes, ou ao ascensor do Hospital de S. Jerónimo.

Se o doente carece de observações no actual laboratório de Raios X, tomará o elevador especial dêste serviço em qualquer dos pavimentos do Hospital do Colégio das Artes.

Por esta forma, tôdas as clínicas se encontrarão ligadas por ascensores, o que vem facilitar muito os serviços.

No prolongamento do edificio das Consultas Externas para o lado norte, foi construída uma galeria destinada a estabelecer comunicação entre os dois Hospitais — Colégio das Artes e S. Jerónimo. É na extremidade norte desta galeria que existe um grande elevador, que serve não só para o transporte de doentes para os diversos pavimentos, como também para o transporte de pessoal e materiais da Farmácia, Economato e Lavandaria.

Êste elevador, do fabricante Ottis Pifre, foi fornecido em concurso público por intermédio da casa Sampaio Batista L.^a, de Lisboa; tem de altura 25 metros e suporta uma carga de mil quilos.

Com a construção da caixa dêste elevador, harmonizou-se o aspecto exterior desta fachada, ampliando pela frente uma parte dêste corpo, que se encontrava recolhida, e, no novo espaço ocupado, ficaram instalados: no rés do chão, vestiário dos alunos e átrio da sala de operações homens; e no 1.º e 3.º andar os gabinetes dos Directores das Clínicas Cirúrgicas.

No 2.º andar está instalada a Central de esterilizações, devidamente montada, com duas grandes estufas de desinfectação para material de pensos, autoclaves para esterilizações de luvas, água, estufas eléctricas para ferros, etc.

Pelo que se acaba de expor, a construção do novo Banco, é reputada uma obra de alta importância, porquanto, as actuais instalações estão muito longe de satisfazer as exigências dos serviços.

Pelo Banco, pode dizer-se, passam todos os doentes internados e muitos milhares de indivíduos, uns que reclamam socorros e outros que acompanham os doentes.

São serviços visitados por muita gente, e se mais não virem, levam, actualmente, dos nossos Hospitais uma péssima impressão.

Por isso, esta Direcção tem validado todos os esforços para, no mais curto espaço de tempo possível, dotar os Hospitais com uma instalação condigna.

Ao proceder-se a diversas demolições e rebaixamento do piso do antigo corredor que

foi demolido, junto ao edificio dos Quartos Particulares, para com estas obras se iniciarem as da construção do novo edificio das Consultas Externas, viu-se que os alicerces daquele edificio não ofereciam condições regulares de solidez. Estes alicerces, que na sua maior extensão não assentavam em terreno firme, eram além disso constituídos por pedra de reduzidas dimensões, sem travamentos e argamassadas com barro e terra à mistura.

Este caso obrigou a immediatos trabalhos de consolidação, tendo-se procedido cuidadosamente, e com auxílio de escoramentos, ao desmancho, por zonas, das paredes em más condições e à escavação até ao encontro do terreno firme. Seguidamente, fêz-se o respectivo recalço com alvenaria de pedra bem dura e afeiçoada, empregando-se argamassa constituída por cimento e areia na proporção de um por dois (1×2).

A pouca solidez daqueles alicerces originou fendas, há muito tempo manifestadas nas paredes e abóbadas do referido edificio dos Quartos Particulares.

Com as obras agora realizadas consolidou-se a ala nascente do grande edificio do Hospital de S. Jerónimo.

As obras das Consultas Externas foram iniciadas no ano económico de 1930-1931, tendo sido gastos neste ano.	54.194\$22
No ano económico de 1931-1932 gastaram-se	263.658\$37
No primeiro semestre do presente ano económico 1932-1933, foi dispensada a verba de	184.390\$57
Soma	<u>502.243\$16</u>

Segundo estimativa anteriormente feita, para acabamento destas obras, são necessários ¹ 633.247\$03.

VI

HOSPITAL DE S. JERÓNIMO

Este edificio foi construído sôbre o antigo convento de S. Jerónimo, que se compunha apenas de rés do chão e um andar de pouca elevação.

Neste andar, existiam uns compartimentos acanhados com muito pouca luz, que serviam para arrecadações, e um corredor a meio, escuro.

Estava tudo em ruína, e até o próprio madeiramento e cobertura prestes a desabar. Um verdadeiro pardieiro, de péssimo aspecto, provido de janelas pequenas, vedadas com grades de ferro, este convento, onde hoje se levanta um magnífico edificio.

Para isso, o andar teve de ser demolido, bem como a maioria das paredes, a-fim-de dar lugar à construção dos dois andares e águas furtadas de que se compõe actualmente este Hospital, incluindo uma parte do rés do chão onde está instalada a cozinha.

A parte da área do antigo edificio ocupada por este novo Hospital, mede de comprimento 81 metros por 12,50 de largura, existindo ainda uma outra parte que necessita também de grandes reformas, para ampliação do mesmo Hospital, instalações doutros serviços, etc.

Na ala poente do edificio, na prumada da entrada principal, tiveram lugar também importantes obras de reforma: assim, foi transformado o primeiro andar existente, e construído sôbre este um outro.

As obras de reforma e de construção no edificio de S. Jerónimo eram de uma urgente

¹ Esta empreitada está dentro da arrematação cujo concurso público foi realizado em 20 de Julho de 1931, e aprovada a sua continuação no ano económico corrente, pelas Instâncias Superiores.

necessidade, não só para ampliar a assistência às classes médias, mas também para melhorar o aspecto geral do edificio de forma a harmonizá-lo com o do Colégio das Artes que fica ao lado.

O primeiro andar compreende 18 quartos, uma sala de operações, sala de anestesia, gabinetes, copa, sala de espera, casa de pensos, retretes, cabines de banho, e um extenso e largo corredor, a meio, que torna independentes todos os quartos e serviços.

No segundo andar 30 quartos e compartimentos anexos.

As águas furtadas destinam-se a acomodações do pessoal e arrumos.

Para completar tanto quanto possível as instalações dêste Hospital, independentemente da escada interna de serviço, foi montado um ascensor eléctrico que tem a elevação de 17 metros fornecendo a sua cabine a suficiente capacidade para comportar à vontade uma maca com o doente e mais três pessoas.

A disposição dos quartos é confortável, bastante pé direito, boa ventilação e sol, possuindo cada quarto o seu lavatório, com água quente e fria e sistema de aquecimento a baixa pressão.

Os pavimentos são de madeira, devidamente encerados e as paredes e tectos guarnecidos a branco de estuque.

A sala de operações tem o pavimento e as paredes revestidas a mármore, em grandes placas.

Nas casas da copa, salas de pensos, retretes, casas de banho e alguns gabinetes, os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico e as paredes guarnecidas com um *lambril* de azulejo branco.

O madeiramento da cobertura geral do edificio foi feito em madeira de choupo por se tornar mais leve e de mais duração; a telha é a de tipo marselhês.

A cobertura da sala de operações, é de cimento armado, servindo ao mesmo tempo de terraço a um dos quartos do último pavimento.

Por debaixo desta cobertura e com o intervalo de 50 centímetros, construiu-se um tecto de madeira, estucado, para isolamento.

As casas da copa são servidas por um monta-cargas eléctrico para transporte de dietas da cozinha que, como já se dissemos, está no rés do chão.

A cozinha é espaçosa e possui os indispensáveis anexos destinados ao aparelho de lavagem e esterilização das louças, arrumações, etc., existindo a seu lado uma ampla sala de mesa.

Os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico e as paredes guarnecidas de azulejo branco, com excepção da sala de mesa, em que o pavimento é de madeira.

Para a construção da caixa do elevador, tiveram lugar várias demolições e trabalhos de consolidação em cimento armado. Êste elevador, do fabricante Ottis Pifre, foi fornecido em concurso público por intermédio da Casa Sampaio Baptista Ld.^a, de Lisboa.

Do lado do pátio interno e a tôda a altura da caixa, a divisória é tôda envidraçada, fornecendo abundante luz. Além de outras obras anexas, restaurou-se a rica abóbada e *lambril* primitivo da ante-câmara do rés do chão; repararam-se as paredes e substituiu-se o antigo piso de lagedo, danificado, por ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico.

No mesmo pavimento, junto à caixa do ascensor e do lado do átrio das aulas, construíram-se retretes e urinóis para os alunos e pessoal.

Fizeram-se as respectivas canalizações de água e esgotos, bem como todos os trabalhos de pintura, etc.

Escadaria principal do Edificio de S. Jerónimo

A armação e telhados da escadaria nobre dêste edificio, há muito que se encontravam em péssimo estado.

Nestes últimos tempos a situação agravou-se, ameaçando ruína.



Balaustrada e talha da referida escadaria, ficariam completamente inutilizadas se porventura os telhados desabassem, impelidos por qualquer tempestade.

Tal facto, a dar-se, constituiria uma perda irreparável para a arte nacional. Por isso mesmo, êste telhado, bem como o tecto, foram apeados, conservando o novo tecto o mesmo estilo, em forma de abóbada: o próprio florão central foi colocado no lugar onde estava anteriormente, e donde havia sido retirado com todo o cuidado.

As paredes foram de novo guarneçadas a branco de estuque, e limpas as cantarias, etc.

Os caixilhos, depois de reparados, foram pintados e de novo envidraçados.

Os pavimentos do átrio superior da escadaria e os seus seguimentos, na galeria do claustro, foram revestidos de mosaico cerâmico de côr vermelha em substituição do antigo piso que estava completamente deteriorado.

Secretaria, Contabilidade, Tesouraria e Secção de Registo de Aceitação de Doentes

Para a instalação dêstes serviços fizeram-se importantes obras de transformação na parte do primeiro andar dos quartos contíguos à galeria superior do Claustro.

Demoliram-se as divisórias duns pequenos compartimentos e dum corredor escuro, tudo com pouco pé direito, e bem assim os pavimentos e tectos de madeira em péssimo estado.

Rasgaram-se, na parede voltada à cêrca, vãos de janelas no mesmo tipo das existentes nesta fachada.

Construíram-se novas divisões que limitaram salas amplas, nas quais se fizeram de novo os pavimentos em madeira, os tectos, os caixilhos, as portas e os respectivos guarnecimentos.

Rebocaram-se e guarneceram-se a estuque tôdas as paredes e tectos, e, por fim, fizeram-se todos os trabalhos de pintura, etc.

Há pouco, foi feita a impermeabilização com «Flintkot», do terraço de cimento aramado que serve de cobertura à galeria superior do claustro, em virtude de o mesmo se deixar atravessar pelas águas das chuvas, prejudicando as instalações da Secretaria.

Esta cobertura construída pela Direcção das Obras Públicas, em 1924, substituiu o antigo telhado que se encontrava em ruína pelo facto das suas madeiras estarem apodrecidas.

O referido terraço é bastante espaçoso, servindo de recreio aos doentes do último pavimento dos quartos particulares.

Átrio das casas de aula

Regularizou-se a parede e curva de suporte ao terreno, (de nível superior), do jardim da portaria principal (Colégio das Artes)—na qual foi assente um capeamento de cantaria,

Junto, construiu-se um arco de cantaria sob a prumada da janela larga da sala de operações, no mesmo tipo dos primitivos arcos existentes.

Esta obra melhorou o aspecto exterior desta fachada.

Para ligação interna do Edifício de S. Jerónimo com o novo Banco, rebaixou-se em parte o pavimento, pelo que houve necessidade de se transformar a entrada de uma sala de aula.

Para esta nova entrada, aproveitou-se o grosso da parede, que foi rasgado, para se desenvolver uma pequena escada interior, e construiu-se um novo portal de cantaria lavrada em estilo do século XVIII, semelhante ao portal primitivo da entrada da sala nobre que fica ao lado.

Colocaram-se vigas de ferro de suporte à abóbada no vão da parede, fêz-se alvenaria de recalço às paredes, pois não se encontravam assentes em terreno firme.

Colocaram-se alguns azulejos nas paredes da nova entrada, caiaram-se as paredes e a abóbada, etc.

Electricidade médica

Estas instalações ocupam uma parte dos baixos da ala sul-poente do edificio, onde estavam instalados os serviços da Farmácia, os quais passaram definitivamente para o terceiro andar do Edificio da Lavandaria.

Para adaptação daquelas instalações fizeram-se grandes obras de transformação e consolidação.

Demoliram-se divisórias de enchamel cujas madeiras se encontravam apodrecidas e construíram-se outras em alvenaria de tijolo.

Demoliram-se os antigos pavimentos de lagedo e outros em madeira, em péssimo estado, os quais foram substituídos por pavimentos de ladrilho cerâmico assentes em massame hidráulico.

Fizeram-se escavações profundas para a construção de alicerces de novas paredes e divisórias.

Demoliram-se os robocos das paredes velhas, completamente salitrados, sendo feitos de novo com argamassa hidráulica.

Construíram-se portas, repararam-se caixilhos e colocaram-se varandins de ferro nas janelas rasgadas do lado da Rua Dr. Costa Simões.

Substituiu-se a antiga escada de madeira, da entrada, por outra, muito suave, em cantaria, e desmanchou-se uma outra, em pedra, de serviço interior, cujo espaço foi aproveitado para um gabinete.

Revestiram-se tôdas as paredes com *lambril* de azulejo, construíram-se biombos portáteis, forrados a pano, servindo de divisória às cabines de tratamentos, e fizeram-se várias canalizações de esgotos, etc.

E, por último, tiveram lugar os trabalhos de pintura e outros acabamentos.

No Hospital de S. Jerónimo temos ainda a realizar algumas obras

No claustro e átrio das casas de aula: reparação das cantarias, paredes e abóbadas, reforma do actual pavimento, que se encontra em péssimo estado de conservação; revestimento das paredes com *lambril* decorativo a dizer com a época do edificio, pinturas em portas e caixilhos, etc.

Na Portaria: restauração do *lambril* decorativo do século XVIII, limpeza e restauro das cantarias, substituição do primitivo pavimento por mosaicos de mármore e algumas pinturas, etc.

Nas dependências ocupadas pelo actual banco: grandes reformas para a instalação das casas de aula e gabinetes.

No futuro, o Instituto de Farmacologia terá de ser mudado para edificio próprio e amplo, e então a electricidade médica encontrará meio de se alargar, ficando condignamente instalada, podendo ocupar o espaço hoje destinado àquele Instituto.

A parte do edificio, ocupada em tempo pelo Fiscal dos Hospitais, Chefe dos Serviços Farmacêuticos e pelo falecido Ecónomo, — carece de importantes obras de reparação e transformação, para alargamento do Hospital e instalação de outros serviços.

Êste hospital ficará com acomodações para 80 doentes (pensionistas de 1.^a e 2.^a classe), Secretaria, salas de aula, gabinetes, etc.

As obras de reforma dêste edificio estão calculadas em 465.100\$00.

VII

HOSPITAL DO COLÉGIO DAS ARTES

Neste Hospital, foram feitas, inicialmente, obras importantes de construção; e, nestes últimos tempos, fomos forçados a proceder a vários trabalhos de reparação visto a maioria das salas se encontrar em estado lastimoso.

Assim, foram substituídos antigos pavimentos de madeira, completamente apodrecidos e outros de ladrilho hidráulico em mau estado, por ladrilho cerâmico.

As paredes, convenientemente reparadas, foram revestidas com *lambril* de azulejo branco, rematados superiormente por cercadura em côr, o que até certo ponto lhe imprime um aspecto interessante.

Demoliram-se já algumas retretes sem condições higiénicas; e construíram-se outras, e bem assim, casas de banho, lavatórios e pias para despejos. Estas instalações são bem ventiladas e iluminadas.

Transformaram-se várias dependências, adequando-as às necessidades exigidas pelos serviços. Fizeram-se também obras importantes de consolidação, as quais se tornavam de uma necessidade urgente para a segurança do edifício.

Entre outras obras realizadas neste Hospital, como mais importantes, descreveremos as seguintes:

1.º ENFERMARIA DE 2.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Demoliram-se os antigos pavimentos de madeira e em sua substituição construíram-se outros em ladrilho cerâmico. Repararam-se as paredes e abóbadas. Construíram-se lambris de azulejo e fizeram-se os trabalhos de pintura, etc.

2.º ROENTGENTERAPIA — Serviço feito inteiramente de novo, no local onde existia a electricidade médica. Tudo ali foi reparado e as paredes revestidas de azulejo. Substituiu-se o antigo pavimento de madeira, completamente apodrecido, por ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico. Construíram-se cabines para tratamentos e instalação de aparelhos.

As divisórias destas cabines são revestidas a fôlha de chumbo, para isolamento.

Nesta sala, construiu-se um tecto em madeira, fasquiado, devidamente rebocado e guarnecido a branco, e, por último, fizeram-se os trabalhos de pintura, etc.

3.º DEPÓSITO EM CIMENTO ARMADO — Para obviar aos gravíssimos inconvenientes da falta de água nestes Hospitais, foi construído um depósito de cimento armado no alto do edificio, com a capacidade de 70 metros cúbicos, o qual, enchendo-se durante a noite, fornece a água precisa ao consumo diário.

O grande depósito de abastecimento da parte alta da cidade, não dá pressão suficiente em virtude de se encontrar quási ao nível superior dêste edificio e por êste motivo havia às vezes falta de água nos serviços.

4.º SALAS DE OPERAÇÕES DE HOMENS E MULHERES — Estas salas eram primitivamente muito acanhadas e sem condições próprias, pelo que houve necessidade de as tornar amplas e confortáveis, etc.

Elas ocupam os dois pavimentos da parte Nascente-Sul do novo corpo do edificio, construído um pouco fora da linha da fachada, mas em perfeita harmonia com o todo do edificio.

Tôdas possuem anfiteatros, para os alunos, com entrada independente, para que não tenham de atravessar as salas.

Juntamente com estas obras construíram-se os indispensáveis anexos destinados a anestesia, lavatórios, gabinetes, etc.

Tudo se encontra devidamente montado; os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico de primeira qualidade, as paredes guarnecidas de azulejo branco também da melhor qualidade, as janelas são amplas e vedadas com caixilhos de ferro fixos e com vidraça lisa fôscas, fornecendo abundante luz.

5.º COZINHA GERAL — Demoliram-se várias paredes divisórias de enchamel, completamente apodrecidas, e construíram-se em alvenaria de tijolo.

Substituíram-se os antigos pavimentos por ladrilho cerâmico. Repararam-se as grandes abóbadas e paredes, sendo estas guarnecidas com azulejo até à altura de 4^m,30. Proce- deu-se à reforma e instalação da nova despensa e à restauração completa do extenso corredor, com a colocação de pavimentos de ladrilho e *lambril* de azulejo e fizeram-se várias canalizações de esgotos.

É para notar que a maior parte da reconstrução e adaptação foi efectuada durante a noite, a fim de não prejudicar a limpeza na confecção das dietas, sua distribuição, etc.

Transformou-se a caixa dos monta-cargas de dietas.

6.º ENFERMARIA DE UROLOGIA, HOMENS (operados) — Substituiu-se o antigo pavimento de ladrilho hidráulico, completamente deteriorado, por ladrilho cerâmico, assente em mas- same hidráulico.

Revestiram-se as paredes com um *lambril* de azulejo, as quais tiveram de ser impermeabilizadas com argamassa hidráulica. Repararam-se as paredes e abóbadas bem como caixilharias e portas, etc. E, por último, fizeram-se todos os trabalhos de pintura.

Nas salas e gabinetes anexos tiveram lugar os mesmos trabalhos de reparação, sendo construída numa das salas uma larga chaminé para saída dos vapores produzidos pelos ebulidores e autoclaves, e uma divisória envidraçada separando uma parte da sala, desti- nada à endoscopia e tratamentos eléctricos.

7.º CLAUSTRO — Construiu-se a cobertura da galeria superior, assente em 55 colunas de ferro fundido, a qual abrange as três grandes frontarias do rectângulo dêste vastíssimo claustro.

A passagem constante dos doentes nesta galeria, transitando das enfermarias para a sala de operações e vice-versa, e bem assim o grande movimento de pessoal, etc., atestam a utilidade desta construção.

As paredes dos dois pavimentos dêste claustro foram revestidas de lambris de azulejo decorativo. Além do bom efeito que produz, foi de uma grande utilidade sob o ponto de vista de limpeza, pois que as paredes estavam constantemente conspurcadas em virtude da lavagem dos pavimentos. Outros serviços se fizeram, tais como: reparação e caiação das paredes, canalização das águas dos telhados, pinturas, etc.

8.º PORTARIA GERAL — Foi assente uma divisória, em ferro, envidraçada, no grande arco que separa o Claustro da Portaria, de modo a abrir-se a sua parte central em casos excepcionais de serviço. Esta divisória, através da qual se admira o lindo aspecto do Claustro e Jardim, tem a utilidade de separar o contacto directo dos doentes com as pessoas de fora e livra das grandes correntes de ar o pessoal permanente, em serviço, na Portaria, e as pessoas que esperam a hora da visita.

Foram demolidos os robocos das paredes, que estavam salitrados e feitos outros em argamassa hidráulica de cimento e cersit.

Foi demolido todo o guarnecimento das paredes, cheio de irregularidades, e conve- nientemente feito de novo.

Assentaram-se lambris de azulejo decorativo, no mesmo género dos dos Claustros.

Foi substituída a cantaria de um portal que se encontrava igualmente salitrada, a desfazer-se.

Contiguamente à portaria, nas paredes do átrio dos telefones e nas da escadaria principal, foram também assentes lambris de azulejo, do mesmo motivo decorativo, e reparadas e caiadas as paredes.

9.º ENFERMARIA DA 1.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Substituiu-se o antigo pavimento de madeira por ladrilho cerâmico. Revestiram-se as paredes com lambris de azulejo.

Rasgou-se uma porta de comunicação na parede que divide as duas salas desta enfermaria. Construíram-se portas, alizares e repararam-se os caixilhos.

As paredes foram em parte rebocadas de novo, e em tôdas, feito o guarneçamento a branco. Finalmente, tiveram lugar as pinturas e colocação de vidros.

10.º SALA DE PENSOS E GABINETES DA 2.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Demoliram-se antigas divisórias de madeira que tornavam acanhadas estas instalações, e deu-se-lhes nova disposição adequada aos serviços.

Substituiu-se o antigo piso por ladrilho cerâmico, construíram-se várias alvenarias, rasgaram-se paredes para a abertura de portais. Fizeram-se vários rebocos e guarnecimentos em paredes, as quais se revestiram com lambris de azulejo.

Aproveitando-se o grande pé direito dos gabinetes, foi construído um segundo pavimento destinado a arrecadações. Na sala de pensos, construiu-se uma larga chaminé em cimento armado para dar saída ao vapor produzido pelos aparelhos de esterilização.

No terraço anexo a esta enfermaria, foi instalada uma sala de trabalho, para exame dos doentes, e, no andar superior, construíram-se as retretes da Enfermaria de 3.ª Clínica Cirúrgica em substituição das antigas, que não tinham as condições necessárias. Esta obra regularizou o aspecto da fachada, pois que as antigas retretes estavam instaladas num corpo saliente, como que penduradas, o que era de péssimo efeito.

11.º ENFERMARIA DE 1.ª E 2.ª MEDICINA, HOMENS — Foi demolido o antigo pavimento de madeira e substituído por outro em ladrilho cerâmico.

As paredes foram convenientemente reparadas e nelas construído um *lambril* de azulejo. Fizeram-se caixilhos e um guarda-vento na entrada, e por fim as pinturas.

12.º ENFERMARIA DE NEUROLOGIA, HOMENS — Foi substituído o antigo pavimento de ladrilho, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.

O antigo ladrilho, assente com argamassa ordinária, deixava penetrar as águas reflectindo-se as humidades na parte inferior da abóbada que serve de tecto às salas do Raios X.

Foi demolida a antiga divisória, de madeira, envidraçada, existente ao topo sul desta enfermaria, e, em sua substituição, construída uma outra em alvenaria de tijolo.

Aquela divisória estava apodrecida na parte inferior e o seu envidraçado não era de utilidade, servindo apenas para acumulação de poeiras na grande quantidade de frisos de madeira.

Essa obra deu um agradável aspecto à enfermaria e trouxe vantagens sôbre o ponto de vista higiênico e de refôrço a abóbada do pavimento superior.

Foi restaurada uma parte do antigo *lambril* de azulejo e feita uma outra de novo; foram reparadas e caiadas as paredes.

Por último, tiveram lugar as reparações dos caixilhos e portas, e as necessárias pinturas.

13.º FACHADA POENTE — A frontaria da ala poente do edificio era separada a meio na parte superior da aprumada da entrada do Balneário, existindo por isso um espaço desaproveitado e de desagradável aspecto.

A construção d'êste corpo central de fachada, terminada superiormente em forma de tímpano sob o qual se collocou o emblema nacional, melhorou sob o ponto de vista estético, o aspecto geral daquela fachada.

Com esta obra relacionou-se a construção dos dois pavimentos superiores, nos quais se fizeram instalações condignas de casas de banho e retretes das Clínicas médicas, homens e mulheres e neurologia homens.

14.º CLÍNICA ORTOPÉDICA — Esta clínica está instalada nas antigas dependências de Dermatologia e Sifiligrafia, homens.

As obras ali realizadas foram de uma grande importância porque, devido a erros graves nos madeiramentos, divisões, distribuição de cargas, etc., o ângulo noroeste do edificio ameaçava ruína.

Dum momento para o outro o gabinete do Professor Elísio de Moura e quartos anexos poderiam abater, por falta de solidez, nas abóbadas do balneário.

De facto, duas colunas de pedra da antiga enfermaria de Sifiligrafia estavam assentes sobre a parte culminante do arco de uma abóbada à qual em tempos haviam cortado um dos encontros.

Daí, a abóbada haver fendido e o conjunto ameaçar ruína. Estes trabalhos de estrema delicadeza foram acompanhados com o máximo cuidado.

Fêz-se, estudo prévio do conjunto, e, depois, uma avaliação completa das cargas existentes, para efeito do cálculo das vigas de ferro.

Construiu-se uma coluna de cimento armado no Balneário para amparar a abóbada e suportar a coluna de pedra da enfermaria, que, por sua vez, serviu de suporte a grossas vigas de ferro destinadas a sustentar o pavimento dos serviços de Neurologia.

Ao proceder-se às fundações para construção daquela coluna de cimento armado, verificou-se que uma das paredes de encontro da abóbada estava assente em terra movediça.

Por êste pequeno pormenor se pode avaliar da delicadeza de todos êstes trabalhos, que deram a êste ângulo do edificio uma solidez perfeita.

Além destas obras de consolidação, outras se fizeram, tais como, a substituição do antigo pavimento de madeira, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.

Demoliu-se o antigo tecto, também em mau estado, e construiu-se outro de cama de vigotas fasquiadas, devidamente rebocadas e guarnecidas a branco.

Demoliu-se a antiga camarata dos enfermeiros que ocupava parte da enfermaria, bem como foram apeadas seis colunas de pedra, o que ampliou as salas.

As paredes convenientemente reparadas e de novo guarnecidas a branco, foram revestidas de *lambril* de azulejo.

Além de outros trabalhos, reparou-se tôda a caixilharia; fizeram-se as pinturas e collocaram-se vidros.

15.º OTO-RINO-LARINGOLOGIA, HOMENS — Foi substituído o antigo pavimento de madeira, por ladrilho cerâmico, sendo reparadas e caiadas as paredes, tectos etc.

16.º ESCADA DE SERVENTIA DA COZINHA GERAL — Os lanços superiores desta escada eram de madeira, em parte apodrecida.

Foi transformada a sua antiga disposição e construída de novo em cimento armado. Para regularização das paredes fizeram-se vários roços, rebocos e guarnecimentos a branco.

O patamar superior que era de madeira, foi substituído por pavimento de ladrilho cerâmico.

As paredes da caixa da escada bem como as do patamar superior foram revestidas com um *lambril* de azulejo.

17.º CASA DE PENSOS DA ENFERMARIA DA 3.ª CLÍNICA CIRURGICA, HOMENS — Nesta dependência, que se achava em estado deplorável, fizeram-se grandes obras de reparação. Demoliu-se um pavimento superior, que prejudicava a sala de pensos, tornando-a acanhada, sem pé direito, e que estava completamente apodrecido, ameaçando desabar de um momento para o outro.

O pavimento da sala de pensos estava em péssimo estado, pelo que teve de ser demolido e substituído por ladrilho cerâmico.

Tiveram de ser demolidas duas divisórias de enchamel, também em completo estado de ruína, as quais foram substituídas por alvenarias de tijolo.

Construiu-se uma larga chaminé até fora do telhado, para tiragem dos vapores produzidos pelos ebulidores e autoclaves.

As paredes foram revestidas de azulejo branco até a uma altura de 1^m,40. Fizeram-se algumas canalizações de esgotos, rebocaram-se e guarneceram-se a branco as paredes e o tecto.

Por último fizeram-se os trabalhos de pintura; collocaram-se várias prateleiras de mármore nas paredes, etc.

Ao lado desta sala, foi aproveitado um pequeno compartimento, no qual se instalou uma sala de operações destinada a casos extremamente sépticos.

Foi também substituído o antigo piso por ladrilho cerâmico; foram azulejadas as paredes de novo rebocadas e guarnecidas a branco; finalmente fizeram-se as necessárias pinturas.

18.º NOVAS RETRETES DAS ENFERMARIAS DAS CLÍNICAS MÉDICAS HOMENS E DE UROLOGIA HOMENS — Estas retretes estão instaladas respectivamente no 1.º e 2.º pavimentos, já êste ano construídos, conjuntamente com o novo corpo central da fachada, voltada a ponte, sôbre a portaria do Balneário.

Estas instalações obedecem a todos os princípios higiênicos; a canalização, em manilhas de grés, tem o diâmetro suficiente e está a descoberto na sua maior parte, o que facilita uma rápida inspecção; as bacias, munidas de autoclismos, são ventiladas por tubos, que sobem acima do telhado.

As paredes foram revestidas de azulejo até 1^m,40, e os pavimentos cobertos com mosaico cerâmico.

As antigas retretes estavam dispostas num pequeno espaço interno, comunicando directamente com as enfermarias; não recebiam luz nem ventilação directa do exterior, nem possuíam tubos de ventilação, pelo que exalavam permanentemente mau cheiro por tôdas as salas.

A canalização de esgotos era insufficiente e a sua construção tinha deficiências, originando constantes roturas e por consequência infiltrações nas paredes.

19.º GABINETES DAS ENFERMARIAS DE NEUROLOGIA HOMENS E 3.ª MEDICINA HOMENS — Estes gabinetes, ligados directamente às respectivas enfermarias, occupam os espaços das antigas retretes, já êste ano demolidas.

Além dos trabalhos de demolição das antigas divisórias, piso e rebocos salitrados, canalizações, etc., construíram-se paredes divisórias de tijolo.

Impermeabilizaram-se tôdas as paredes com argamassa de cimento e rebocaram-se com argamassa hidráulica.

Revestiram-se as paredes dêstes gabinetes com *lambril* de azulejo de 1^m,40 de altura; e daí para cima, incluindo o novo tecto, foram devidamente guarnecidas a branco. O pavimento foi revestido com ladrilho cerâmico.

Como o pé direito destas salas era bastante alto, aproveitámo-lo, para, a meio desta altura, fazermos construir um segundo pavimento que actualmente serve de arrecadação a utensílios e roupas da Enfermaria de 3.ª Clínica Médica, homens.

Êste pavimento é de madeira, sendo servido por uma escada de caracol, agora construída.

Finalmente, realizaram-se os trabalhos de pintura. Ao proceder-se a estas obras, observou-se que o pavimento de cimento armado no qual assentavam as retretes das Clínicas médicas, mulheres, não tinha apoio nas paredes laterais, assentando apenas nas divisórias interiores de tijolo a meia vez, as quais, por necessidade de ampliação, tinham de ser demolidas.

Com esta demolição, o pavimento referido ficava completamente desapoiado, pelo que, houve necessidade de se construírem vigas de cimento armado, reforçando, pela parte inferior, as extremidades da lage.

Em substituição do apoio interior das divisórias demolidas, foram colocadas vigas de ferro.

Estas obras tinham sido em tempo realizadas por conta das Obras Públicas.

20.º NOVO GABINETE E CAMARA ESCURA, PARA ELECTRO-CARDIOGRAFIA, ANEXO ÀS CLÍNICAS MÉDICAS — Êste gabinete, existente no 2.º pavimento, ocupa o espaço das antigas retretes, também já êste ano demolidas, as quais passaram para o novo espaço adquirido em virtude da construção do corpo central da fachada poente.

Da mesma forma, tiveram lugar as demolições das antigas divisórias de reboco salitrado das paredes e do antigo piso de ladrilho, etc.

Depois destas obras, construiu-se uma divisória de tijolo de separação das novas retretes, repararam-se paredes, assentou-se um piso de ladrilho cerâmico e um *lambril* de azulejo.

Abriu-se, na parede do lado da galeria do claustro, uma porta de serventia ao novo gabinete, que fica também em comunicação directa com a enfermaria por uma antiga porta.

Construiu-se um novo tecto de madeira, fasquiado, um pouco abaixo da lage de cimento armado que serve de fundo ao grande depósito de água.

Fizeram-se novos rebocos e respectivo guarnecimento a branco, nas paredes e tectos.

Vedou-se uma porta de comunicação com a enfermaria, em cujo vão, do lado da câmara escura, ficou a tina respectiva.

Construiu-se uma porta e um caixilho, e aproveitaram-se outras com a devida reparação. Fêz-se nova canalização de esgotos do lavatório e tina da câmara escura, e por último todo o trabalho de pintura.

21.º SALA DE OPERAÇÕES, MULHERES — Nesta sala impunham-se obras de consolidação urgentíssima em virtude do perigo eminente de desabamento do tecto, que há muito ameaçava ruína.

Ao proceder-se a êstes trabalhos verificou-se também a necessidade de substituir por parede de tijolo uma divisória de enchamel completamente apodrecida, sôbre a qual se apoiavam grandes cargas.

O pavimento em que assenta esta divisória, teve que ser reforçado pela parte inferior e na mesma aprumada daquela, por uma viga de ferro.

Além dêstes trabalhos, realizaram-se os seguintes: substituiu-se o antigo caixilho de madeira da janela larga, já em estado de apodrecimento, por um caixilho de ferro enviaçado, tornado fixo.

Ao lado daquela janela existe uma outra, estreita, na qual foram assentes caixilhos de madeira, duplos, em substituição do anterior, que igualmente estava apodrecido. As paredes foram reparadas, rebocadas e estucadas de novo, e, por último, feitos os trabalhos de pintura.

Foi aberta na parede do lado direito uma porta, pondo em comunicação esta sala com a sala de pensos, na qual se estão fazendo várias obras de reparação e consolidação também de absoluta necessidade, tais como: substituição de tôda a madeira apodrecida do tecto;

construção de uma chaminé para a saída de vapores produzidos pelos aparelhos de esterilização; substituição também do caixilho de madeira da janela, por outro em ferro, envidraçado com uma parte móvel; construção de novos rebocos e guarnecimento das paredes e assentamento de azulejo nas mesmas; substituição do antigo piso de ladrilho, em mau estado, por ladrilho cerâmico.

Com o andamento dos trabalhos, nesta sala, verificou-se também a necessidade de substituir a divisória do lado poente que está em igualdade de circunstâncias da que foi substituída na sala de operações. Serão feitas as canalizações de esgotos em manilhas de grés, e bem assim as canalizações de água, em ferro galvanizado, e, por último a pintura, etc.

22.º NOVAS RETRETES DAS ENFERMARIAS DE 3.ª CLÍNICA CIRÚRGICA E DE GINECOLOGIA —

Estas clínicas eram servidas por uma bateria de retretes, instaladas num corpo saliente da fachada nascente, virada ao jardim da portaria principal. Além de acanhadas, tais retretes não satisfaziam às condições higiénicas necessárias, produzindo além disso um detestável efeito na frontaria do edificio.

A sua canalização de esgotos, de deficiente construção, originou infiltrações constantes nas paredes e abóbadas.

Estas infiltrações, a continuarem, causariam não só a ruína completa daquelas paredes e do pavimento de madeira, já em parte apodrecido, da enfermaria de Ginecologia, como inutilizariam as instalações de endoscopia urológica do pavimento inferior.

Com a demolição dêste corpo de retretes muito lucrou a enfermaria de Ginecologia e em geral o edificio.

1.º melhorou sob o ponto de vista estético o aspecto exterior da fachada;

2.º salvou em parte da ruína, a que estavam sujeitas, as paredes e abóbadas;

3.º desapareceram as constantes humidades observadas no interior da sala de vias urinárias e, por conseqüência, o perigo a que estavam sujeitos os doentes e demais pessoal;

4.º com o desaparecimento daquelas humidades muito lucrou também a conservação dos utensílos cirúrgicos da mesma sala;

5.º desapareceu por completo o mau cheiro, que empestava a enfermaria de Ginecologia;

6.º ficou por esta forma a mesma enfermaria com mais uma janela voltada a sudoeste, construída no lugar onde estavam as retretes, o que veio dar-lhe mais luz, sol e ventilação;

7.º deixou de se ver, após estas obras de reparação, o mau efeito e verdadeiro estado de miséria a que tinha chegado êste serviço e o perigo resultante.

Demais, foi observado durante as demolições que tôdas as madeiras que faziam parte das retretes demolidas, estavam em completo estado de apodrecimento e por isso ameaçando ruína.

Pôsto isto, passemos a descrever as novas instalações, que, pelo exposto, se tornavam duma necessidade urgentíssima.

Elas ocupam dois antigos quartos pequenos, os quais se encontravam em péssimas condições; os seus pavimentos, de madeira, estavam completamente apodrecidos, deixando atravessar as águas e infiltrar a abóbada que serve de tecto à enfermaria de Urologia, homens.

As divisões de enchamel estavam igualmente apodrecidas não se segurando nelas a cal.

Tudo isto teve de ser demolido, após o que se procedeu às obras de consolidação necessárias, para instalação das novas retretes, casa de banho, etc.

A disposição daqueles quartos, agora ocupados por estas instalações, tornavam escuríssimos o corredor geral que dá acesso à sala de operações, sala de pensos, elevador, gabinetes e outros serviços, etc.

Era por êste corredor que se fazia a serventia daqueles quartos, e, com a construção agora das retretes, ficou a divisória do corredor vedada e com um largo caixilho em ferro,

envidraçado, que, além de produzir bom efeito, transmite abundante luz ao corredor e à entrada da capela, artística em frente.

As novas instalações compõem-se de três retretes, duas casas de banho, uma casa para arrumos, dois lavatórios e a indispensável pia para despejos.

São amplamente dispostas, bem iluminadas e ventiladas, obedecendo em tudo aos preceitos regulares da construção e higiene.

Estão voltadas a poente, por isso defendidas dos ventos predominantes do norte. São servidas comodamente pelas enfermarias, sem as doentes terem de sair para atravessar átrios, corredores, sujeitar-se a oscilações térmicas, estão ao abrigo do trânsito permanente do movimento geral dos serviços e portanto livres de serem devassadas. São, de facto, o que há de melhor no hospital, tanto sob o ponto de vista higiénico, como de construção.

O pavimento é revestido de ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico de cimento.

As paredes, previamente impermeabilizadas, estão revestidas de azulejo com altura de 1^m,60.

O tecto foi devidamente reparado e de novo guarnecido a branco, bem como as paredes.

Foi estabelecida uma boa rêde de esgotos em manilhas de grés, de suficiente diâmetro.

As divisórias dos compartimentos, são construídas em alvenaria de tijolo e argamassa hidráulica.

Foram montadas convenientemente as canalizações de água e feitos os trabalhos necessários de pintura.

23.º NOVA SALA DE PENSOS MULHERES — Em virtude da necessidade urgente de obras de reparação e consolidação da antiga sala, na qual êstes serviços estavam montados, foi construída uma outra, aproveitando-se a antiga casa dos telefones, abandonada.

Esta sala está situada ao cimo da escada principal que dá acesso à galeria superior do Claustro.

Os trabalhos ali realizados foram os seguintes:

substituição do antigo pavimento de ladrilho vulgar, por ladrilho cerâmico;

construção de uma chaminé para saída de vapores;

construção de canalizações de esgotos em manilhas de grés;

do lado da galeria, foi transformada uma porta em janela, ficando, a seu lado, uma porta de serviço, independentemente de uma outra no patamar, ao cimo da escada;

reparação e caiação das paredes e tecto;

colocação de um *lambril* de azulejo e várias prateleiras de mármore, etc.;

finalmente as pinturas respectivas.

*

Pelos mapas 1 e 3, vê-se que, nas obras de reforma no edificio do hospital do Colégio das Artes, foi gasta, até ao final do ano económico de 1931-1932, a verba 503.501,98.

Sendo 43.488,95 de verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, e 460.013,03, de verbas inscritas nos orçamentos privativos dêstes Hospitais.

A primeira verba foi administrada pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra, e a outra de 460.013,03, pela Direcção dêstes Hospitais.

No primeiro semestre do actual ano económico de (1932-1933), realizaram-se importantes obras neste edificio, as quais farão parte do relatório das obras a publicar, respeitante ao ano económico de 1932-1933.

Obras projectadas para a conclusão do edificio do Hospital do Colégio das Artes

a) Novas retretes da enfermaria de 2. ^a Clínica Cirúrgica, homens, a construir no solário, obras anexas, no corpo existente das retretes da 3. ^a Clínica Cirúrgica homens; regularização da fachada nascente.	40.000\$00
b) Regularização da fachada do pequeno pavilhão quartos particulares, mulheres:	
Demolição das retretes da enfermaria de Urologia homens, sala de operados, na frontaria poente rés do chão, e das retretes da enfermaria de Urologia, sala séptica, na frontaria nordeste do edificio sôbre o solário. Construção de outras retretes e casas de banho e regularização da fachada nordeste. . . .	100.000\$00
c) Regularização da fachada norte do edificio:	
Demolição das retretes suspensas, da Clínica Cirúrgica, mulheres, e construção de outras, no chamado quarto comprido, anexo	20.000\$00
Pavilhão a construir na mesma ala norte, para retretes, casas de banho e casas de trabalho, arrumações, anexos às enfermarias de Ortopédia e 1. ^a Clínica Cirúrgica no 1. ^o pavimento, Urologia e Pediatria no 2. ^o pavimento, em substituição das actuais retretes acima referidas	170.000\$00
d) Conclusão da cobertura do edificio, com telha tipo marselhês, na parte da ala poente.	10.000\$00
e) Conclusão das obras de reforma das enfermarias e seus anexos, nos dois pavimentos superiores do edificio	230.000\$00
Total a dispender para a conclusão das obras do Hospital do Colégio das Artes	570.000\$00

Descrição dos trabalhos

a) RETRETES DA ENFERMARIA DE 2.^a CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS

A actual casa de retretes, assente no terraço (solário) junto à parede da referida enfermaria, encontra-se em estado de ruína, em virtude do fraco apoio das suas paredes.

Tal facto tem dado origem a que aquele corpo de casa se tenha desligado pouco a pouco da parede do edificio, a que está encostado, dando isso motivo a infiltrações das águas pluviais, as quais, por sua vez, têm apodrecido os madeiramentos.

Além disso, tais retretes, são acanhadas e não possuem as necessárias condições higiénicas, sendo pois, necessário a sua substituição, por outras, nas devidas condições.

Assim, as novas instalações ficarão num corpo de casa, a construir no mesmo solário e no prolongamento de um outro corpo de retretes existente, anexo às enfermarias da 3.^a Clínica Cirúrgica, homens.

Com a construção das novas retretes, serão alteadas as paredes daquele corpo existente, até ao nível do 2.^o pavimento das enfermarias de 3.^a Clínica Cirúrgica, mulheres.

A cobertura será de cimento armado, abrangendo então as duas casas e servindo de terraço, o qual será resguardado por gradeamento de ferro.

As janelas serão do mesmo tipo das existentes nas fachadas do edificio.

Com estas obras ficará melhorado o aspecto geral da fachada nordeste.

Estimativa 40.000\$00.

b) REGULARIZAÇÃO DA FACHADA NORTE DO PEQUENO PAVILHÃO
QUARTOS PARTICULARES, HOMENS

A construção das novas retretes da Enfermaria de Urologia, homens, sala de operados, será feita num espaço desaproveitado, que forma canto no solário.

Na mesma prumada seguirá a construção de outros pavimentos, com instalações também de retretes, quartos, e ampliação da enfermaria da 2.^a Clínica Cirúrgica, mulheres, último pavimento.

Com o aproveitamento do referido espaço, ficará ligado um corpo do edificio que se encontra separado e portanto regularizada a fachada.

A construção das retretes da enfermaria de Urologia, vem substituir as que actualmente existem num corpo saliente da fachada sul, rés do chão, as quais serão demolidas bem como as das enfermarias de Urologia, homens, sala séptica.

Há pouco foi também demolido um outro corpo de retretes, suspenso na mesma fachada sul, e do qual se faz menção neste relatório, demonstrando a necessidade, utilidade e urgência que houve na execução daquela obra.

Estimativa 100.000\$00.

c) REGULARIZAÇÃO DA FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO

As retretes da Enfermaria da 1.^a Clínica Cirúrgica, mulheres, estão instaladas num dos corpos suspensos naquela fachada, que além de prejudicarem o aspecto exterior do edificio, se encontram em estado de ruína.

São acanhadas e não possuem as condições higiênicas necessárias, pelo que, se torna indispensável a construção, condigna, de outras.

As novas instalações, ficarão dispostas num quarto anexo áquela enfermaria, o qual é provido de boa luz e ventilação.

Compõem-se de duas retretes, cabine de banho, casa para arrumos e a indispensável pia de despejos.

As obras a realizar constam de: substituição do actual pavimento de madeira por lage de cimento armado, divisórias de tijolo, canalizações, revestimento do piso com ladrilho cerâmico, azulejamento das paredes, pinturas, etc.

Feitas estas obras, será demolido o actual corpo de retretes suspenso.

Estimativa 20.000\$00.

Na fachada para o lado poente, existem mais quatro corpos idênticos, no mesmo estado de ruína e de desagradável aspecto, pelo que, serão também demolidos, e em sua substituição será construído um pavilhão na mesma ala norte do edificio, para a instalação de retretes, casas de banho, casas de trabalho, arrumações ficando tudo anexo às enfermarias de Ortopédia e 1.^a Clínica Cirúrgica no 1.^o pavimento, Neurologia, e Pediatria no 2.^o pavimento.

Êste pavilhão será erigido a tôda a altura do edificio e assentará em quatro colunas de cimento armado, para por esta forma ficar, o trânsito da rua, livre para a passagem de carros, em serviços da cozinha geral, Economato, Lavandaria, Depósito de carvão, etc.

As suas paredes serão de alvenaria de tijolo, e os pavimentos, em cimento armado, fazendo ligação dêste pavilhão, com as paredes do edificio.

Estimativa 170.000\$00.

d) CONCLUSÃO DA COBERTURA DA ALA POENTE DO EDIFÍCIO

Existe uma parte de cobertura em telha de tipo nacional que, em virtude do seu mau estado, precisa de ser substituída, de harmonia com o mesmo tipo da restante cobertura do edificio, em telha tipo marselhês.

Com esta obra será substituída tôda a ripa e bem assim algumas madeiras apodrecidas, etc.

Estimativa 10.000\$00.

e) CONCLUSÃO DAS OBRAS DE REFORMA DAS ENFERMARIAS E SEUS ANEXOS

1.º Pavimento — Enfermaria da 4.ª Clínica Médica, homens :
Substituição do actual pavimento de ladrilho, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.
Demolição de uma divisória de madeira, envidraçada, existente ao topo norte da enfermaria, sendo em sua substituição construída uma outra em alvenaria de tijolo.
Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo.
Reparação e caiação das paredes e abóbadas, reparação de caixilharia, e pinturas.
Novos gabinetes anexos a esta enfermaria, os mesmos trabalhos acima descritos.

Enfermaria de 3.ª Clínica Cirúrgica, homens e átrio.
Substituição do actual piso, em mau estado, por ladrilho cerâmico.
Revestimento das paredes com *lambril* de azulejos, caiações e pinturas.
Nos dois quartos anexos a esta enfermaria, substituição do actual pavimento por ladrilho cerâmico.
Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo, caiações e pinturas.

Corredor das enfermarias de Urologia, homens.
Substituição do actual piso por ladrilho cerâmico.
Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo, caiações e pinturas.

Adaptação a enfermaria, das actuais salas do laboratório de análises clínicas.
Ladrilho cerâmico em pavimentos, *lambril* de azulejo, reparação e caiação das paredes e abóbadas, reforma da caixilharia, portas e trabalhos de pintura.

2.º Pavimento — Enfermarias da 1.ª, 2.ª e 3.ª Clínica Cirúrgica, mulheres :
Revestimento dos pavimentos de madeira, com mosaicos de cortiça.
Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo branco.
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Reforma da caixilharia e pinturas.
Pequena sala de operações e sala de pensos anexos das enfermarias acima referidas :
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Substituição do actual piso de ladrilho, deteriorado, por ladrilho cerâmico.
Reforma dos caixilhos e pinturas.

Enfermarias da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª Clínica Médica, mulheres :
Revestimento dos pavimentos de madeira, com mosaicos de cortiça.
Colocação de *lambril* de azulejo.
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Reforma da caixilharia e pinturas.

Sala de pensos da 4.ª Clínica Médica, mulheres :
Substituição do actual pavimento de madeira por outro em ladrilho cerâmico.

Construção de uma chaminé para saída de vapores dos ebulidores.
Montagem de um lavatório e respectivas canalizações.
Lambril de azulejo, reparação e caiação das paredes e pinturas, etc.

Enfermaria de Clínica Ginecológica:

Revestimento dos pavimentos de madeira, com mosaicos de cortiça.
Assentamento de *lambril* de azulejo.
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Reforma da caixilharia e pinturas.

3.^a Clínica Cirúrgica, mulheres (aséptica).

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo.
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Reforma da caixilharia e pinturas.

Enfermaria da Clínica Oftalmológica:

Revestimento do pavimento de madeira, com mosaicos de cortiça.
Assentamento de *lambril* de azulejo.
Reparação e caiação das paredes e tectos.
Reforma da caixilharia e pinturas.

Estimativa das obras de reforma das enfermarias 230.000,000.

Lotação d'este Hospital depois de concluído — 440 doentes.

Mapa n.º 8

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Mapa n.º 8
Orçamentos prováveis para a conclusão dos edifícios

N.º	Descrição	Quantidade	Valor unitário	Valor total
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Verbas dispendidas nos diversos Hospitais e orçamentos prováveis para a conclusão dos edifícios actualmente em obras

	Lotação de doentes	Despendido		Orçado para concluir	Total
		1918-14 a 1931-32 Mapas n.ºs 1, 2 e 3	1882-83 até Outubro de 1882		
III. — Edifício da Lavandaria	—\$—	1.460.717\$62	—\$—	—\$—	1.460.717\$62
IV. — Novo Hospital do Castelo	122	1 150.650\$72	73.247\$16	131.196\$95	1.355.094\$83
V. — Novo edificio das Consultas externas	—\$—	317.852\$59	184.390\$57	633.247\$03	1.135.490\$19
VI. — Hospital de S. Jerónimo (para pensionistas de 1.ª e 2.ª classe) casas de aula, electricidade médica, serviços centrais, Direcção, Secretaria, etc.	80	1.236.316\$46	—\$—	465.100\$00	1.701.416\$46
	440	503.501\$98	—\$—	570.000\$00	1.073.501\$98
VII. — Hospital do collegio das Artes	—\$—	—\$—	—\$—	75.000\$00	75.000\$00
	642	4.669.039\$37	257.637\$73	1.874.543\$98	6.801.221\$08

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Novos edifícios a construir

Para concluir o vasto programa da construção de todos os edifícios que fazem parte d'êste conjunto harmónico, valioso instrumento de assistência, tão pròpriamente chamado Hospitais da Universidade de Coimbra, depois de acabadas as obras presentemente em curso e a que até agora nos temos referido, deve iniciar-se a construção dos seguintes Hospitais e serviços anexos:

- Novo Hospital da Cêrca de S. Jerónimo;
- Entrada da Cêrca de S. Jerónimo;
- Hospital de doenças de crianças;
- Balneário;
- Maternidade Daniel de Matos;
- Nova Casa das Caldeiras e forno de incineração.

I

NOVO HOSPITAL DA CÊRCA DE S. JERÓNIMO

Os diversos edifícios, que constituem os Hospitais da Universidade, não passam, em última análise, de velhas habitações monásticas que foram modernizadas e adaptadas a habitações de doentes.

De facto, se não houvessem existido os frades, não sabemos o que teria sido dos homens *liberais*, na organização dos seus serviços militares, civis, administrativos, de assistência, etc.

Os conventos, uma vez expulsos os monges, que os habitavam, — foram invadidos pelos soldados, que daqueles fizeram quartéis, pelos doentes, que tornaram aqueles em Hospitais, pelos inválidos, que daqueles fizeram asilos, pelos velhos, pelas crianças...

E assim foi que o antigo Colégio das Artes se transformou num Hospital Escolar, que é modêlo no seu género, dando assistência a 440 doentes, e constituindo também o grande laboratório destinado à educação de mestres e alunos da Faculdade de Medicina.

O antigo Colégio dos Militares, pertencente às Ordens de Santiago de Espada e S. Bento de Aviz, foi primeiro Hospital de Lázaros, e transformou-se agora, últimamente, no Novo Hospital do Castelo, respeitando-se no exterior do edificio o gôsto da época, enquanto os interiores se harmonizaram com as exigências modernas da hygiene.

Depois das obras concluídas lá se poderão internar 122 doentes — tuberculosos, sifilíticos, dermatosos, etc.

O antigo Convento de S. Jerónimo é hoje uma verdadeira *Casa de Saúde*, onde existem já 48 quartos destinados a pensionistas de 1.^a e 2.^a classe.

Depois de concluídos todos os trabalhos, tôdas as obras, poderá hospitalizar cêrca de 80 doentes.

É neste Edifício que existem as salas de aula, as instalações de electricidade médica, serviços centrais da Direcção, Secretaria, etc.

Em conclusão: todos os nossos Hospitais são, de facto, adaptações de alguns dos velhos conventos de Coimbra.

Por outro lado, a lotação dos dois Hospitais, Colégio das Artes e Castelo pode atingir a cifra máxima de 562 doentes, desde que sejam respeitados os preceitos de hygiene, e se não acumulem, em leitos suplementares, no centro das enfermarias, doentes em número superior à lotação devida.

Ora, acontece que a affluência de doentes das Consultas Externas é de tal ordem, que não há meio possível de limitar a aceitação.

Daí resulta que as lotações normais, tanto da Clínica Cirúrgica como da Clínica Médica, estão permanentemente excedidas.

Este facto, constituindo, é certo, um perigo para os doentes internados, é, por outro lado, uma necessidade imperativa, que não há meio de evitar, atendendo ao número e à gravidade dos doentes que solicitam internamento, — a despeito do espaço limitadíssimo de que dispomos.

Nestas condições, tornando-se indispensável aumentar as lotações dos Hospitais da Universidade para satisfazer as exigências da assistência no centro do País, — temos de construir um novo Hospital na cêrca de S. Jerónimo e cuja capacidade deve ser de 300 camas.

Eis o que a fôrça das circunstâncias nos leva a propor, como solução dêste importante problema de Assistência.

Estamos certos de que a actual situação, que tem sido tão solícita na resolução dos problemas graves que se têm apresentado, que tem dotado o País com melhoramentos de tão extraordinário valor, que tem sido para Coimbra tão pródiga nas suas concessões, atendendo com tanta generosidade a tôdas as suas necessidades, estamos certos, repetimos, que há-de não só aprovar a nossa proposta, mas também facultar-nos os meios necessários à sua urgente realização.

Nesta orientação, construir-se-ia na Cêrca de S. Jerónimo um Edifício, com 60 metros de comprido por 23 de largo, ficando ainda terreno em volta para arruamentos e jardins.

Este Edifício compor-se-ia de seis pavimentos, 4 dos quais seriam destinados a enfermarias e respectivos anexos; e os outros dois pavimentos, resultantes do aproveitamento do acidentado do terreno, destinar-se-iam a salas de aula, operações, laboratórios arrumações, etc.

A situação indicada para este Hospital é admirável, porque a sua frente fica voltada para Sudeste, abrigo-o do Norte o Edifício de S. Jerónimo.

Esta construção, comportando 300 camas, pode custar ao Estado cêrca de 3.000.000\$00.

II

ENTRADA DA CÊRCA DE S. JERÓNIMO

Esta entrada deverá ser, no futuro, a principal dos Hospitais da Universidade.

A actual portaria de S. Jerónimo é muito acanhada, pois a Rua Dr. Costa Simões é demasiadamente estreita para o movimento de automóveis e de auto-macas que afluem ao Banco dos Hospitais.

A portaria do Edifício do Colégio das Artes confina também com ruas estreitas e não dá fácil acesso ao futuro Banco e Consultas Externas.

É, de facto, indispensável orientar as coisas de forma a manter um acesso fácil e

rápido do Edifício das Consultas Externas, dos serviços de urgência, da Aceitação, etc.; e é também necessário que, em frente dêsse Edifício, possam circular livremente os veículos de transporte dos doentes, os automóveis e caminhetas de serviço, etc.

Para satisfazer a estas necessidades é que propomos a construção da nova entrada da Cêrca de S. Jerónimo, que dará rápido acesso ao novo Hospital a construir, ao Econo-
mato, às Cozinhas, a todos os serviços industriais, ao novo Edifício do Banco etc.

Os terrenos do Hospital por êste lado (Sudoeste) confinam com a Calçada Martim de Freitas, numa extensão aproximadamente de 70 metros.

Teremos por consequência de construir uma vedação em gradeamento de ferro; e bem assim demolir uns muros de suporte, em ruína, junto ao Edifício de S. Jerónimo.

Ladeando o portão de entrada, serão construídos dois pequenos torreões que constituirão assim a portaria geral dos Hospitais da Universidade.

Para estas obras calculamos ser necessária a verba de Esc. 150.000/000 ~~000~~.

III

HOSPITAL DE DOENÇAS DE CRIANÇAS

É necessária e urgente a construção dum Hospital de doenças para crianças que satisfaça às necessidades da Clínica e da hygiene infantil, e onde se possa também ministrar o ensino da puericultura, obra a que dedicam a maior atenção tôdas as Nações que pensam a sério no aumento da população, e revigoramento da raça.

Êste edificio será construído no prolongamento do Hospital do Castelo, mas completamente separado, em terrenos a expropriar que vão até ao limite Sul por onde mede 28 metros, entestar com o denominado Terreiro da Pela (recinto público).

Estes terrenos, ocupados na sua quási totalidade por casas de habitação, medem pelo lado Poente ou seja pela Rua dos Militares, 45 metros, e pelo lado Nascente (Rua do Arco da Traição) 53 metros.

A área aproximada, do terreno destinado à construção dêsste novo Edifício hospitalar, é de 2046^m2,00 sendo 400^m2,00 pertença dos Hospitais, e 1646^m2,00 a expropriar.

Do terreno a expropriar, 1520^m2,00 são pertença de particulares, e 126^m2,00 que constituem umas estreitas ruas, são da Câmara Municipal.

O Edifício pode ocupar uma área de 700^m2,00, ou seja 35 metros de comprimento por 20 metros de largura, ficando ainda em tôda a volta terreno que se destina a jardim, recreio, etc.

Será composto de 5 pavimentos, pelos quais serão distribuídas as enfermarias e seus anexos, casa de aula, laboratórios e outros serviços, etc.

O local é magnífico, cheio de sol, de bom ar, e com um vasto panorama.

Pelos lados confinantes com as ruas públicas, serão construídos muros de vedação, de pouca altura, encimados com gradeamentos de ferro.

O Edifício é calculado para uma lotação de 150 doentes.

O custo desta obra pode calcular-se em:

Para o Edifício e muros	1.500.000\$00
Para expropriações.	250.000\$00
	<hr/>
	1.750.000\$00

IV

BALNEARIO

O Castelo de Coimbra foi demolido no reinado de D. José I, em 1773 e 1774, por ordem do Marquês de Pombal, para se edificar no seu lugar o Observatório Astronómico.

O original do projecto dêste observatório existe no Museu Machado de Castro e está referendado com a assinatura do próprio Marquês.

Compõe-se de rés do chão e dois andares, que não chegaram a ser construídos. Além disso, erguem-se dos cantos do Edifício torreões, de linhas sóbrias e elegantes que lhe dão um aspecto majestoso.

Esta construção que ficou limitada às arcadas, ocupa a área de 1316^m2,00; cada uma das paredes das fachadas Norte e Sul tem o comprimento de 56 metros, e as outras paredes têm o comprimento de 23,50, confrontando uma destas com o largo do Castelo.

Aproveitando as arcadas do projectado edificio, propomos a construção neste local de um grande balneário para o serviço da cidade.

O exterior do novo edificio pode seguir a linha architectónica daquela época, havendo apenas a estudar os interiores, que devem ser projectados de forma a satisfazerem o fim que têm em vista.

Êste Edifício pode custar aproximadamente, segundo a estimativa junto, 1.300.000\$00.

Área. — 1316,00 × 4 = 5264,00 × 200\$00 =	1.052.800\$00
313,00 × 2 = 626,50 × 200\$00 =	125.300\$00
Demolições interiores, de parte da muralha e imprevistos. . .	121.900\$00
	<hr/>
	1.300.000\$00

Os serviços que uma instituição desta natureza vêm prestar a esta sociedade, são tão grandes, que estamos certos de que o Govêrno não deixará de auxiliar a sua realização.

De facto, sendo Coimbra uma cidade essencialmente académica, onde são educadas as gerações, amanhã detentoras do futuro da nação, tudo, absolutamente tudo o que fizermos no sentido do seu saneamento físico e moral, — vai reflectir-se na orientação científica, artistica, na acção governativa, etc. dos homens que vão ter as responsabilidades do comando, da engrenagem administrativa, da defesa militar, enfim, de tôda a politica do País.

Desenvolver na mocidade académica o culto pela água, equivale a arranca-la a muitos vícios.

Equivale a entregar a juventude a um desporte que é belo em todos os seus aspectos: pois que constitui a um tempo a base da verdadeira hygiene e da elegância.

O balneário compreenderá:

1.º Uma piscina com 34 metros de comprido e 18 de largo. Tendo três taboleiros: o primeiro com profundidade de 0,90 e 7 metros de comprido; o segundo com profundidade 1,60 e 22,5 de comprido; o terceiro com 3,5 de profundidade e 5 metros de comprido.

Haverá ao lado da piscina cabines providas de choveiro para a toilette da pele dos nadadores.

2.º Cabines para banhos de imersão;

3.º O Hammam ou banhos romanos, banhos russos ou irlandeses, compreendendo uma grande sala de repouso com vestiários, camas, estufas de ar quente, estufas de vapor, pequenas piscinas (banho quente, Wildbad, banho frio), duches, cabine de massagens, etc.

4.º Banhos medicinais — sulfurosos, salgados, carbo-gasosos, lamas, etc.

- 5.º Electroterapia. Banhos de luz, massagens, etc.
- 6.º Banhos hidro-eléctricos.
- 7.º Ginástica médica.
- 8.º Solário, etc.

V

MATERNIDADE DANIEL DE MATOS

Propomos a construção de uma Maternidade em Coimbra, utilizando para isso o Edifício e terreno anexo, onde presentemente funciona a Clínica Dr. Daniel de Matos.

O nome deve conservar-se perpetuamente, em homenagem áquele grande mestre e clínico.

O actual Edifício da Clínica Obstétrica carece de obras importantes de reparação e até de consolidação.

Os madeiramentos de cobertura estão apodrecidos e a telha, do tipo antigo, na sua maior parte até deteriorada, dá lugar a constantes infiltrações.

Tem-se realizado neste Edifício algumas reparações, havendo absoluta necessidade de uma obra de maior vulto, sob pena de assistirmos a um desabamento de conseqüências desastrosas.

Nos interiores, as paredes e os estuques dos tectos, mostram vestígios de humidade e salitre, ocasionados pelas infiltrações produzidas através dos telhados.

Os pavimentos são de madeira e necessitam também de grandes obras de reparação, bem como a caixilharia, portas e bem assim todos os trabalhos de pintura, etc.

Êste ambiente não é, de facto, favorável às internadas. E, além disso, a deficiência de instalações e de capacidade não satisfaz, nem de longe, às necessidades da assistência às grávidas e puérperas desta região, e às condições exigidas e indispensáveis a uma Maternidade escolar(1).

(1) No rés do chão da Clínica Obstétrica estão instalados os Laboratórios de Histologia e Fisiologia da Faculdade de Medicina.

Não se compreende bem esta associação: os Laboratórios estão mal servidos de casa e a clinica cerceada na amplitude dos seus serviços.

Também, na ala sul do Hospital de S. Jerónimo ao lado da electricidade médica, se encontra o Instituto de Farmacologia. Da mesma forma diremos que o local não é próprio, pois o espaço é muito reduzido para as necessidades dêste Instituto.

Estes Laboratórios necessitam de edificio condigno.

A solução dêste caso está ligada ao problema máximo das instalações Universitárias, que hoje mais do que nunca, urge ampliar.

De facto, não podemos pensar na possibilidade de encerrar dentro do âmbito restrito duma organização pombalina, a Universidade de hoje, dada a multiplicidade dos seus estudos, a variedade dos seus ensinos, o número e necessidades dos seus Laboratórios, a complexidade dos problemas científicos, a vastidão imensa do território das suas investigações.

Tudo é grande na época que atravessamos.

É necessário, pois, ampliar a Universidade.

É necessário mais espaço, são necessários mais edificios...

Partindo dêste património de incalculável valor que herdámos cheio de beleza architectónica, rodeado de tão formoso panorama, e que hoje constitui a nossa Universidade, é necessário criar a moderna Cidade Universitária.

A sua sede, está indicada — o Bairro Alto — há séculos, sempre considerado o bairro Académico.

Para isso, precisamos de organizar um programa.

Eis o que nos permitimos fazer, nesta simples nota aposta a um relatório sobre os Hospitais, o que parecerá estranho, não o sendo de facto, pois os Hospitais são o principal Laboratório de investigação e ensino, da Faculdade de Medicina.

Julgamos que o edificio onde funciona o Liceu José Falcão (Convento de S. Bento) deve ser entregue á

Torna-se, pois, absolutamente necessário reparar o existente e ampliar as instalações.

Com efeito, tratando-se de um núcleo de Assistência e de ensino obstétrico no centro do País, por várias vezes tem a Faculdade de Medicina solicitado verbas que permitam dotá-la com uma Maternidade que satisfaça as mais elementares exigências de estabelecimentos desta natureza.

Pelo que acabamos de expor, as obras neste Edifício, são de urgente necessidade e, aproveitando-se a oportunidade da sua realização, poder-se-ia construir mais um andar, visto as paredes terem condições bastantes de solidez para o suportar.

Além disso, em nada se prejudicaria a estética exterior do edificio, que se compõe apenas de rés do chão e de um andar, porque a construção obedeceria exteriormente, à mesma linha architectónica das fachadas.

Esta obra visaria três fins:

1.º a consolidação do edificio, livrando-o da ruína e do perigo de qualquer derrocada de conseqüências gravíssimas.

2.º a ampliação das instalações, ficando por esta forma, um pouco descongestionado o excessivo movimento das actuais dependências, sem condições e acanhadas.

3.º tornar económica a construção do novo andar, em virtude de se aproveitar a oportunidade da reforma da cobertura.

Estas obras, se bem que, representam um notável melhoramento para esta clínica, estão contudo, ainda longe, de satisfazer às necessidades dos serviços da assistência e do ensino.

Com efeito: — a actual clínica não dispõe de uma secção de isolamento para casos infectados e para grávidas portadoras de doenças infecto-contagiosas;

Não dispõe ainda de qualquer instalação para consulta externa, aliás muito concorrida e que tantos serviços presta sob o ponto de vista de aprendizagem dos alunos e de assistência;

Não tem instalações laboratoriais em que possam ser feitas análises, estudos de clínica experimental e investigação científica;

Não possui qualquer instalação de electroterapia e Raios X, indispensável em serviços desta natureza.

Não tem um anfiteatro para demonstrações clínicas aos alunos, que assim se acumulam em pequenas salas impróprias, com prejuízo do seu aproveitamento e da observância dos cuidados de resguardo e asepsia indispensáveis na prática obstétrica;

Não tem uma sala de aula com capacidade que permita a utilização de um aparelho de projecções para a illustração documentária das lições em curso;

Não tem capacidade sufficiente à lotação exigida pela assistência e ensino, pois as quatro salas existentes para internato de grávidas e puérperas comportam um reduzido número de leitos;

Não existe espaço onde possa ser instalado um pequeno refeitório para as internadas, sala de biblioteca, museu, e salas de observação de doentes;

Não têm amplitude bastante, as actuais salas de trabalho de partos, assim como a sala de operações;

Universidade, para ali se instalar o grande Museu de História Natural da Faculdade de Ciências. A Botânica já lá está; seriam para ali transferidos os museus de Zoologia, Mineralogia e Geologia.

Analogamente, seria entregue à Universidade o Edifício do Governo Civil, para aí se instalar um Instituto de Física e Química, para onde seriam transferidos os respectivos Laboratórios da Faculdade de Ciências.

O actual edificio do Museu, assim liberto da Faculdade de Ciências, seria entregue à Faculdade de Medicina, para que esta ali concentrasse todos os seus laboratórios.

Para a ampliação doutros serviços — bibliotecas, institutos, etc., a Universidade precisa comprar o Edifício dos Grilos, prédios da Rua larga, Rua dos Militares, etc.

Finalmente, é indispensável construir a Casa dos Estudantes e organizar muitas obras para o progresso da ciência, vulgarização dos ensinos e expansão das Escolas.

E depois de tudo isto concluído, poderíamos orgulhosamente dizer, que havíamos construído uma das mais belas Cidades Universitárias.

Não é possível, pela exigüidade de espaço, separar as salas de grávidas das salas de púérperas, e, destas, as normais das infectadas, como aliás é elementar;

Não pode instalar-se devidamente uma câmara aquecida para recém-nascidos prematuros;

Não há quartos de isolamento para doentes, nem quartos destinados aos médicos de serviço, como se torna indispensável;

Não há salas para tratamento e pensos;

Não há instalações condignas para pensionistas de 1.^a e 2.^a classe;

Finalmente, não há um serviço de esterilizações que satisfaça ao movimento sempre crescente de doentes.

Seria, pois, de tóda a conveniência a construção de um pavilhão, que tecnicamente obedecesse aos mais modernos preceitos.

Demais, há tóda a vantagem em dar aplicação ao vasto terreno anexo ao actual Edifício, que mede aproximadamente 2.650 metros quadrados de superfície e que para ali se encontra sem vedação, completamente desprezado.

A entrada principal, voltada para a Avenida do Dr. Júlio Henriques, seria a mesma do actual Edifício, com pequenas alterações da sua escadaria interior, a qual estabeleceria comunicação com a nova casa a construir.

O local tem condições magníficas para uma boa orientação a dar ao novo Edifício.

O terreno enfrenta pelo lado Sudoeste e numa extensão de 60 metros, com a Avenida do Dr. Marnoco e Sousa, que nos conduz ao esplendido recinto, denominado Penedo da Saúde, há pouco aformoseado pela Comissão de Turismo.

É um local muito concorrido, admirado por nacionais e estrangeiros, sendo o estado de abandono do terreno a que nos referimos, censurado com tóda a justiça.

Seria, pois, para louvar que ao lado das delícias de tão agradável passeio, com a sua bela paisagem e seus jardins, se erguesse o melhor jardim que o homem pode conceber — o grande edificio de abrigo e amparo à mulher grávida e à criança — a **MARTERNIDADE DANIEL DE MATOS**.

A lotação destes serviços pode atingir a cifra de 150 camas.

Ao Norte e ao Sul do País, no Pôrto e em Lisboa, existem duas esplêndidas Maternidades, que vão prestar valiosos serviços à Assistência.

Para os povos do Centro não há nada: A Clínica Obstétrica que para aí está, não passa de um simulacro de Maternidade.

Estamos certos de que com a verba de 1.500 contos, cumpriremos o projecto estabelecido — ou seja a reforma e levantamento de um andar no actual Edifício, construção do novo pavilhão, vedação dos terrenos, etc.

VI

NOVA CASA DAS CALDEIRAS E DEPÓSITO DE CARVÃO

Presentemente, as caldeiras estão instaladas junto à cozinha geral, nos baixos do Edifício do Colégio das Artes, tendo por cima as enfermarias da 3.^a Clínica Cirúrgica.

São instalações acanhadas e, pelo que se vê, muito impròpriamente localizadas.

O depósito de carvão que as abastece fica bastante longe, porque não existe nas proximidades local apropriado para o fazer.

É por isso que propomos a construção de uma casa inteiramente nova, onde possam centralizar-se tódas as caldeiras de abastecimento dos Hospitais. O espaço actualmente por elas occupado, será aplicado na montagem dos aparelhos de esterilização e lavagem de louças, casa de mesa para empregados, oficina de reparações eléctricas, etc.

A nova construção ocupará uma parte do terreno da cêrca dos Jesuítas, ao fundo da encosta, confinante com a Rua Abílio Roque.

Esta encosta, voltada a norte, portanto muito fria e por isso imprópria para habitações, fica muito abaixo dos edificios Hospitalares. Por êste facto, presta-se admiravelmente à montagem dêstes serviços de aquecimento, tanto mais que o local assim escolhido, está próximo dos principais edificios: Lavandaria, Hospital do Colégio das Artes, S. Jerónimo e Banco.

A casa das caldeiras ficará recuada uns cinco metros do alinhamento da rua e terá 30 metros de comprido, por 11 de largo.

No seu prolongamento para o lado do poente, serão construídos os depósitos de combustível e bem assim, o forno de incineração.

Estas instalações são servidas cômодamente por uma rua pública, larga — Rua Abílio Roque, e vedadas por um muro com gradeamento de ferro, ficando no extremo noroeste um largo portão de serviço.

A cobertura da casa das caldeiras será em cimento armado, devendo constituir o fundo de um grande reservatório, destinado às águas de abastecimento das caldeiras, e para onde poderão ser canalizadas e assim aproveitadas as águas pluviais dos telhados do Colégio das Artes e Lavandaria.

Estas obras devem custar aproximadamente 150 contos.

Mapa VI

Novos edificios a construir

Designação dos Edificios	Lotação	Estimativa
Novo Hospital da Cêrca de S. Jerónimo	300	3.000.000\$00
Hospital de Doenças de crianças	150	1.750.000\$00
Balneário	—	1.300.000\$00
Maternidade Daniel de Matos	150	1.500.000\$00
Nova casa das caldeiras e forno de incineração	—	150.000\$00
Total	600	7.700.000\$00

CONCLUSÕES

Nos edificios actualmente em obras (Colégio das Artes, S. Jerónimo e Castelo) gastou-se até hoje 4.926.677\$10.

Para completar estas obras é necessário dispendir ainda 1.874.543\$98.

Total depois de concluídas estas obras — 6.801.221\$08.

A lotação dos Hospitais da Universidade ficará sendo então de 642 doentes.

*

Para construir os novos Hospitais, Balneário e outros anexos propostos neste Relatório, segundo as estimativas feitas, é precisa a verba de Esc. 7.700.000\$00.

A lotação dos novos Hospitais é de 600 doentes.

Depois de concluídas tôdas as obras terá o Estado dispendido 14.501.221\$08.

E a lotação dos Hospitais será então de 1.242 doentes.

Para a execução do vasto programa que aí fica exposto, temos a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais, últimamente nomeada pela Portaria de 5 de Março de 1933 e que é do teor seguinte :

Ministério das Obras Públicas e Comunicações. — Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. — Convindo remodelar a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra : Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que a mesma comissão passe a ser constituída pelo Dr. Angelo da Fonseca, Director dos referidos Hospitais, e pelo engenheiro civil Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho e architecto Luiz Benavente, estes últimos como delegados da Direcção Geral dos Edifícios Nacionais, a cuja apreciação as decisões da mesma Comissão serão submetidas, a-fim-de superiormente propor o que achar conveniente.

Paços do Governo da República, 6 de Março de 1933. — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações — a.) Duarte Pacheco.

Em conformidade com este diploma, procedeu-se no dia 20 de Março de 1933, nos Hospitais da Universidade, à instalação da Comissão Administrativa das Obras dos mesmos Hospitais.

Actas das primeiras sessões da Comissão

I

No dia vinte e dois de Março de mil novecentos e trinta e três, reuniu a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, sob a Presidência do Professor Doutor Angelo da Fonseca, Director dos mesmos Hospitais, e estando presentes os Vogais, Senhores Engenheiro Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho e Architecto Luiz Benavente.

Aberta a sessão, o Senhor Director dos Hospitais, depois de apresentar as suas saudações aos ilustres membros desta Comissão, agora nomeados, refere-se às obras executadas até ao fim do ano económico passado, mil novecentos trinta e um, mil novecentos trinta e dois, cujas descrições e orçamentos se encontram expostos num relatório que está em publicação no *Boletim dos Hospitais da Universidade*.

Em seguida, entra o Senhor Presidente na descrição minuciosa de todos os trabalhos realizados no corrente ano económico (mil novecentos trinta e dois, mil novecentos trinta e três).

Durante este ano, diz o mesmo Senhor, o Ministério das Obras Públicas não concorreu com qualquer verba para auxiliar as obras dos Hospitais, pois todos os trabalhos foram pagos pelas verbas inscritas nos seus orçamentos privativos.

Acrescenta o Senhor Presidente, que as obras foram executadas, na generalidade, por tarefas operárias, tendo-se procedido pela seguinte forma :

Em quatro de Julho de mil novecentos e trinta e um, annunciou-se a arrematação, por tarefas operárias, de materiais e mão de obra, para continuação das obras em várias dependências hospitalares.

Em vinte de Julho do mesmo ano, nos termos daquele anúncio, fêz-se a abertura das propostas, sendo dois os concorrentes : um, o constructor civil António Maia, e o outro, o agente técnico de engenharia, Augusto Ribeiro Duarte Ralha.

Em vinte e dois desse mesmo mês de Julho, por impossibilidade, em virtude de doença, do Chefe de Obras dos Hospitais, para informar as duas propostas, enviou-se o processo para estudo e parecer ao Senhor Engenheiro João Rangel de Lima, último Director Técnico da Comissão Autónoma Administrativa das Obras dos Hospitais.

Em vinte e quatro do referido mês e ano, o aludido Engenheiro Senhor João Rangel de Lima, devolveu o processo com a sua opinião fundamentada, declarando que a adjudicação deveria ser feita ao constructor civil António Maia.

Ainda, em vinte e sete do já aludido mês de Julho de mil novecentos e trinta e um, a Direcção dos Hospitais, concordando com o parecer do técnico consultado, despachou naquele sentido, pelo que se redigiu a respectiva minuta de contracto.

Em vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e trinta e um, foi aprovada pelo Excelentíssimo Conselho de Ministros a referida minuta, em observância ao disposto no artigo primeiro do decreto número nove mil oitocentos e vinte cinco, de dezanove de Julho de mil novecentos e vinte e quatro.

Em sete de Outubro dêsse ano, a mesma minuta foi visada pelo Tribunal de Contas.

Em dois de Novembro, ainda dêsse ano, foi redigido o contracto definitivo, depois de observadas tôdas as disposições legais.

O Senhor Director, Presidente da Comissão, apresenta aos Senhores Vogais todos os documentos a que acaba de aludir: processo do concurso, minuta do contracto superiormente aprovada e visada, e o contracto definitivo.

Depois de todos êstes documentos terem sido examinados pelos Senhores Vogais, o Senhor Director continua: que em quatro de Agosto de mil novecentos e trinta e dois, a Direcção dos Hospitais solicitou autorização para prorrogar a validade do contracto referido que se transcreve: «*Convindo à Direcção dos Hospitais o ao tarefeiro os preços dados por êste contrato e constantes do concurso, e tendo os trabalhos sido executados com perfeição, poderá o adjudicatário prosseguir com os trabalhos além do presente ano económico sem dependência de novo concurso, adoptando-se para as novas quantidades de trabalho os preços unitários já aprovados e aceites.*»

Essa autorização foi concedida em dez dêsse mesmo mês de Agosto.

Os trabalhos realizados por empreitada durante o presente ano económico, 1932-33, e cujos processos de medições e orçamentos estão nos arquivos da Repartição de Contabilidade da Secretaria, são os seguintes:

a) NOVO EDIFÍCIO DO BANCO

5 MEDIÇÕES DE TRABALHOS

1.ª — Respeitante à lage de cimento armado do 1.º pavimento e dormentes de ligação das paredes	55.423,562
2.ª — Paredes de alvenaria e divisórias de tijolo no 1.º andar, cantarias das janelas e lage de cimento armado do 2.º pavimento	91 387,575
3.ª — Paredes de alvenaria e divisórias de tijolo no 2.º andar, cantarias das janelas, suprimentos e colunas de cimento armado encastradas em alvenaria, etc	37.579,520
4.ª — Cobertura de cimento armado, emboços e rebocos hidráulicos interiores e exteriores, assentamento e canalização de manilhas para os esgotos, depósito de decantação etc.	96.742,578
5.ª — No rés-do-chão — divisórias de tijolo na parte destinada ao Laboratório de Análises Clínicas, vergas de cimento armado, entre-panos de tijolo e peitoris de cantaria em janelas, e na galeria do elevador, caixilhos.	5.229,544
	<hr/> 286.362,579

b) NOVOS ARMAZÉNS DO ECONOMATO,
CASA DA ESFARRAPADEIRA E CASA DO GASÓMETRO, etc.

4 MEDIÇÕES DE TRABALHOS

1.ª — Escavações, beton em fundações, alvenaria hidráulica, cimento armado, rebocos hidráulicos, etc	17.742,590
2.ª — Continuação dos trabalhos acima descritos	20.331,547
3.ª — Cimento armado no reforço das paredes da entrada do colector geral	1.226,572
4.ª — Caixilhos em casquinha nas janelas do edificio acima descrito	1.686,526
	<hr/> 40.987,535

c) HOSPITAL DO CASTELO

2 MEDIÇÕES DE TRABALHOS

1.ª — Conclusão do corpo do edificio confinante com a Rua dos Militares: Estão construídos, apenas, os alicerces e alvenarias até ao 1.º andar, respectivos vãos de janelas e portas, com cantarias assentes.	16.040,554
2.ª — Muro e gradeamento de vedação sobre a referida Rua dos Militares: Procedeu-se à demolição de antigas habitações em estado de ruína, fizeram-se grandes desaterros e transportaram-se os entulhos. Nestes trabalhos, gastou-se a importância de Esc.	57.206,562
	<hr/> 73.247,116

d) HOSPITAL DE S. JERÓNIMO

2 MEDIÇÕES DE TRABALHOS

1. ^a — Regularização do corpo da fachada, sob a sala de operações dos quartos particulares, voltada ao jardim da portaria principal.	1.053,526
2. ^a — Conclusão da nova entrada de uma casa de aula.	168,589
	1.222,515

e) HOSPITAL DO COLÉGIO DAS ARTES

10 MEDIÇÕES DE TRABALHOS

1. ^a — Construção de novas retretes e casas de banho das enfermarias da 2. ^a e 4. ^a Clínica Médica, mulheres, Clínica Neurológica, homens e 3. ^a Clínica Médica, homens	11.582,524
2. ^a — Construção de novas retretes e casas de banho das enfermarias de Ginecologia e 3. ^a Clínica Cirúrgica, mulheres	8.873,583
3. ^a — Construção do novo gabinete e câmara escura, anexos da enfermaria de 2. ^a Clínica Médica, mulheres	4.421,508
4. ^a — Reformas na enfermaria da 1. ^a e 2. ^a Clínica Médica, homens	4.322,576
5. ^a — Reforma da casa destinada a sala de pensos das enfermarias da 3. ^a Clínica Cirúrgica de mulheres e de Ginecologia.	1.041,537
6. ^a — Galeria superior do claustro, conclusão do azulejamento das paredes	626,562
7. ^a — Construção de gabinetes, anexos das enfermarias da Clínica Neurológica, homens e 3. ^a Clínica Médica, homens.	6.570,568
8. ^a — Obras de reforma na enfermaria da Clínica Neurológica, homens	8.007,550
9. ^a — Obras de reforma na nova sala de Operações, mulheres, e sala contígua	1.056,516
10. ^a — Remoção e transporte de entulhos, provenientes das obras, os quais estavam depositados no largo da portaria principal.	2.360,596
	48.863,520

Por último, o Senhor Presidente disse que até este momento tudo se havia realizado sob a responsabilidade exclusiva da Direcção dos Hospitais. Porém, agora que está nomeada e instalada a nova Comissão das Obras, é esta a detentora de todos aqueles poderes e responsabilidades.

Que deseja, portanto, a Direcção dos Hospitais que os Senhores Vogais da Comissão a que têm a honra de presidir, exprimam a sua opinião sobre as obras ultimamente realizadas.

E, deseja esse seu parecer não só no aspecto de construção, segurança e acabamento das diversas obras, mas também na organização dos processos, medições, cadernos de encargos, liquidações, plantas, etc.

É mesmo por este trabalho que entende se deverá começar, antes de estabelecer programa para novas realizações.

E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente acta, que vai ser assinada por todos os membros da Comissão.

(a.) *Angelo da Fonseca — Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho — Luiz Benavente.*

II

No dia trinta de Março de mil novecentos trinta e três, reuniu a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, sob a presidência do Senhor Professor Angelo da Fonseca, Director dos mesmos Hospitais, e estando presentes os Vogais, Senhores Engenheiro Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho e Architecto Luiz Benavente.

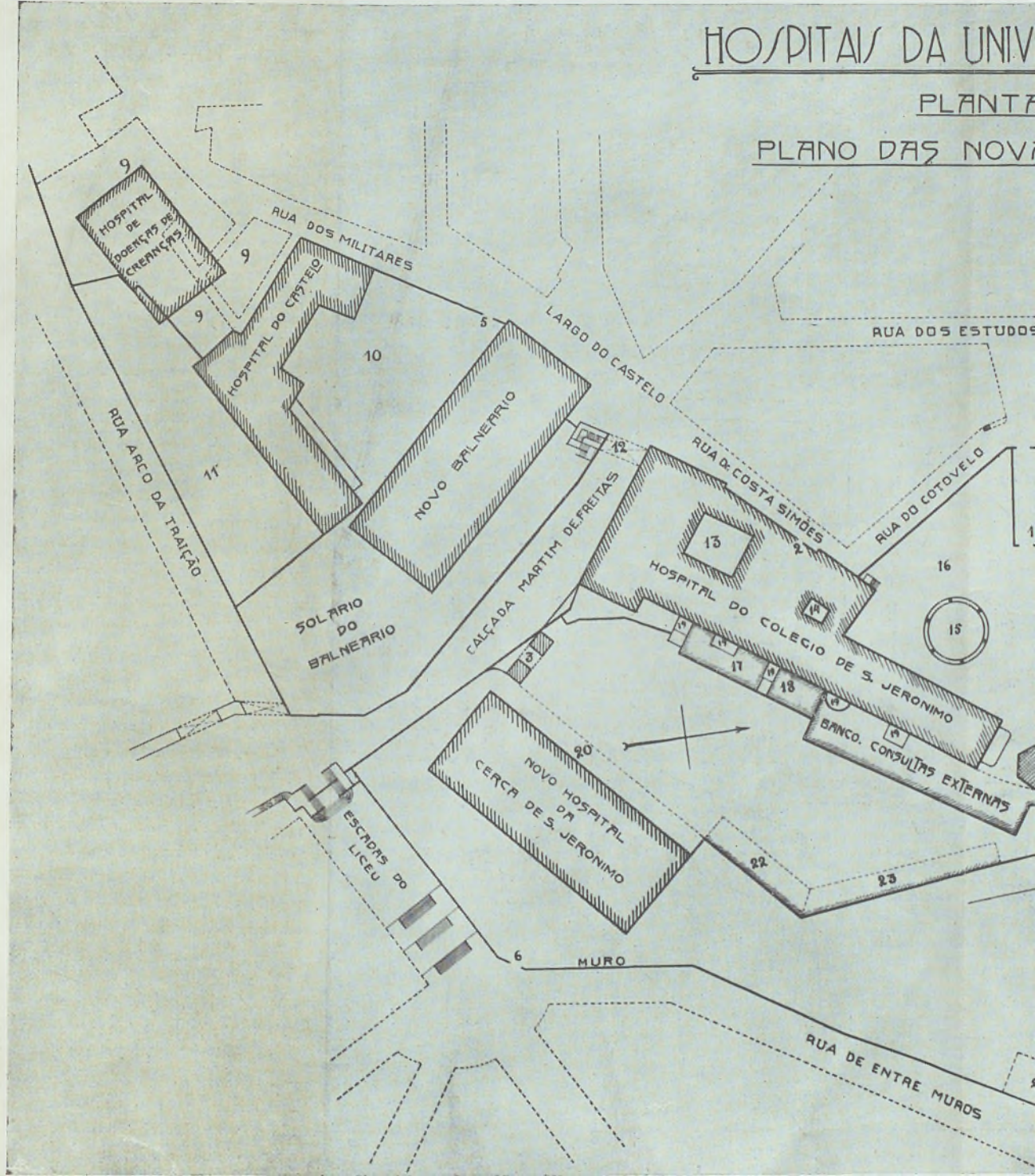
Aberta a sessão, os Vogais declararam ser sua opinião, que os trabalhos aos quais o Senhor Presidente se referiu na sessão transacta, e que se encontram realizados ou em via de acabamento, sob o ponto de vista constructivo se encontram com a melhor execução, pois o estado actual das obras permite ainda verificar esse facto; sobretudo as alvenarias, ainda a descoberto, atestam a sua cuidadosa execução. Também pelo Senhor Presidente foi dada conta, na referida sessão, da forma como a parte administrativa desses trabalhos foi realizada, o que os Vogais, em sua opinião, acham encontrar-se tudo segundo as normas estabelecidas e superiormente aprovadas.

O sr. Director dos Hospitais, declara que, já em tempos (vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e trinta e três), enviou a Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, e a seu pedido, não só a nota dos edifi-

HOSPITAIS DA UNIV

PLANTA

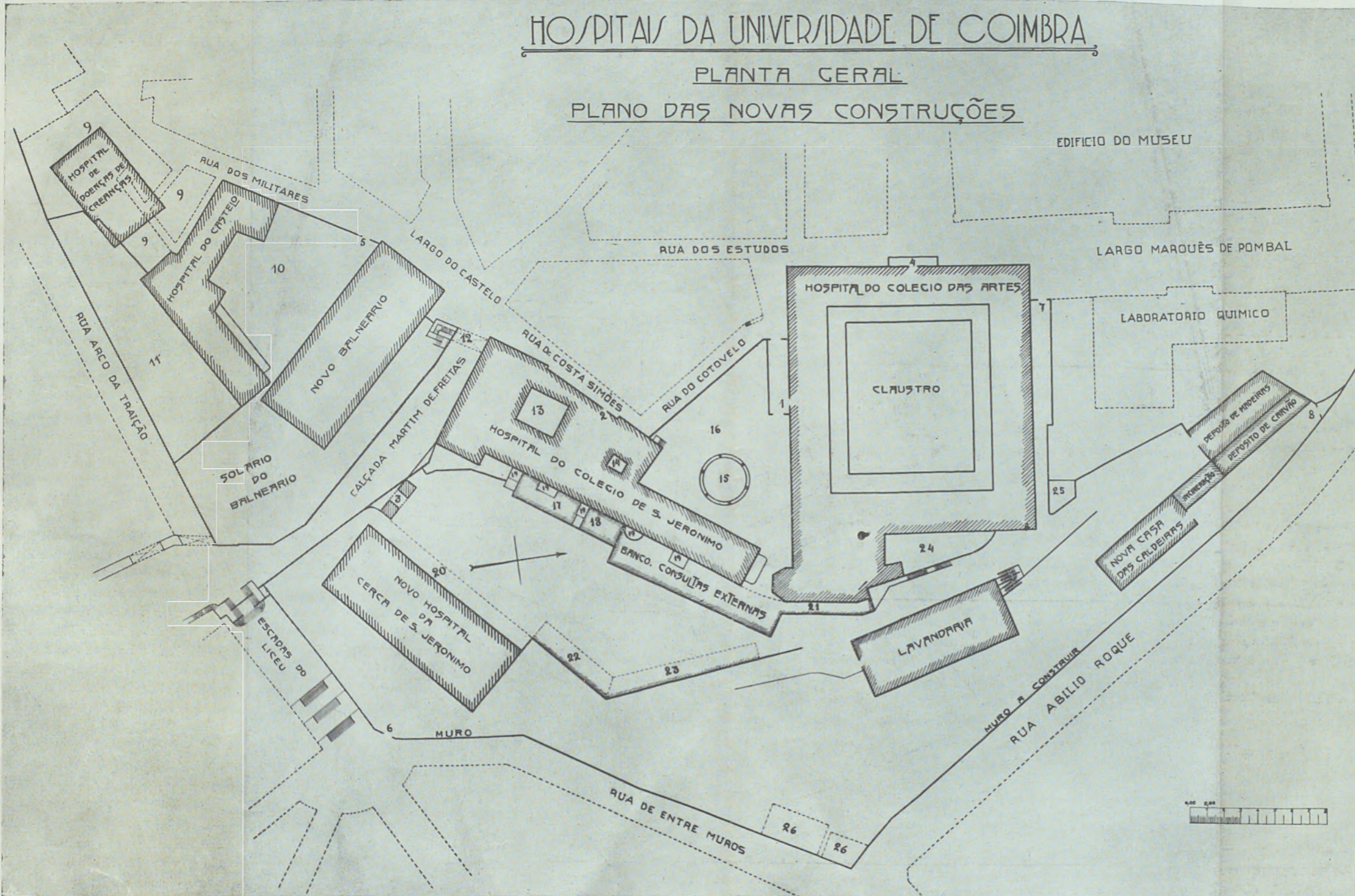
PLANO DAS NOVA



HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PLANTA GERAL

PLANO DAS NOVAS CONSTRUÇÕES



Legenda

- 1 Portaria principal, Colegio das Artes.
- 2 Portaria do hospital de S. Jeronimo
- 3 Entrada para as consultas externas
- 4 " " os Raios x
- 5 " " o hospital do Castelo
- 6 " " a cerca de S. Jeronimo
- 7 " " serviços da cozinha etc.
- 8 " " serviços das caldeiras
- 9 Terreno com casas, a expropriar
- 10 Jardim
- 11 Cerca do hospital do Castelo
- 12 Arco do Castelo
- 13 Claustro do Colegio de S. Jeronimo
- 14 Pateo
- 15 Pergola
- 16 Jardim
- 17 V.C. e casas de banho-mulheres
- 18 " " " homens
- 19 gigante de reforço
- 20 Galeria subterranea
- 21 Galeria comunicando o ascensor
- 22 Garage
- 23 Caldearia, esfarrapadeira, materias inflamaveis e gazometro
- 24 Solario
- 25 Pequena oficina do electricista
- 26 Posto de desinfeção, da Camara



SERVIÇOS INDUSTRIAIS

I

CALDEIRAS

Se outros factos não existissem de maior importância para demonstrar o desenvolvimento dos Hospitais da Universidade de Coimbra nestes últimos vinte anos, bastar-nos-ia considerar as fases porque tem passado a sua Central de Máquinas, forçada a uma ampliação constante pelos serviços criados, para termos do caso uma noção precisa.

Em 1914, para o fornecimento de luz, energia eléctrica, cozinhas e serviços de esterealização, julgou-se suficiente adquirir e montar uma caldeira semi-fixa, marca «Garrett» com 16 metros quadrados de superfície de aquecimento. Para as exigências de então, esta caldeira era mais do que suficiente.

Em 1916, apenas dois anos mais tarde, verificou-se que uma tal caldeira já não chegava, pois novos serviços foram criados que absorveram as reservas existentes.

Tornou-se, pois, indispensável a aquisição de uma nova geradora de vapor, ficando a semi-fixa como reserva e para o fornecimento de energia eléctrica. Comprou-se e instalou-se uma caldeira fixa, marca «Babcock», com 55^{m2} de superfície de aquecimento.

Julgou-se nesse momento ter-se satisfeito tôdas as necessidades, com larga reserva para o futuro. Mas o desenvolvimento dos serviços hospitalares não pára; antes, o número de doentes aumentou sempre. Novos laboratórios e outros serviços foram criados. Adquiriu-se uma nova cozinha a vapor, prevendo uma população futura de 1.000 doentes; instalou-se uma lavandaria mecânica com aquecimento directo por vapor; levou-se o vapor a todo o edificio do Colégio das Artes, para poderem ser feitas esterelizações nas enfermarias; tornou-se necessário ampliar a Central de Esterelizações, aquecer devidamente as salas de operações, casas de pensos, etc.

O vapor de reserva, que em 1916 era considerado demasiado, em 1928 já não chegava, e, por isso, se pensou em adquirir uma grande caldeira de alta pressão (12 atm.) que permitisse levar o vapor em quantidade suficiente a todos os lugares onde era necessário, abastecendo as instalações já feitas e em projecto, satisfazendo desta forma tôdas as necessidades presentes e futuras.

Adquiriu-se então na Alemanha, à firma Christoph & Unmack A. G., uma caldeira com 120^{m2} de superfície de aquecimento, 12 atm. de pressão, e um economizador de grande capacidade de água, que se montou ao lado desta caldeira para aproveitar tôdas as calorias que se escapam da câmara de fumo e que vão aquecer a agua no economizador, antes de saírem pela chaminé. Esta água, assim aquecida, vai abastecer em grande parte a própria caldeira e o balneário, sem que o seu aquecimento custe um único centavo ao Estado.

Em conclusão, verificamos que a central de máquinas foi aumentando pela forma seguinte:

Era em 1914 de	16 ^{m2}
» 1916 de	55 ^{m2}
e em 1929 de	120 ^{m2}

A primeira caldeira fornecia vapor e fôrça motriz, e a terceira fornece unicamente vapor, visto que a energia eléctrica para a luz e fôrça motriz é fornecida pelos Serviços Municipalizados de Coimbra, que nos últimos seis meses de 1932 forneceram 67.503 kwh, e nos dois primeiros meses de 1933, 25.540 kwh.

Além destas caldeiras, encontram-se ainda a funcionar: duas pequenas caldeiras a baixa pressão, para o aquecimento dos quartos particulares e dependências da Secretaria; uma outra pequena caldeira para o aquecimento das águas distribuídas pelos quartos particulares; e, ainda, uma outra caldeira a baixa pressão para o aquecimento das Salas de Operações e quartos particulares, algumas enfermarias, e salas de pensos do Hospital do Colégio das Artes.

Há, pois, três centrais dispersas nos edifícios do Colégio das Artes e S. Jerónimo, com manifesto prejuízo para o serviço, visto não disporem de pessoal suficiente e com prejuízo económico pela dispressão de combustível.

Com a criação do novo Banco e Consultas externas, onde se vai consumir bastante vapor, com o aumento do número de quartos no pavilhão do Edifício de S. Jerónimo, quartos estes que ainda se encontram sem aquecimento; com o desenvolvimento dado à Farmácia, aos Laboratórios de Análises Clínicas, de Físico-Química e Química Biológica, de Cirurgia Experimental, etc.; com a necessidade do fornecimento de vapor para a nova cozinha dos quartos particulares; com o aquecimento indispensável de tôdas as enfermarias existentes; com a previsão, enfim, do fornecimento de vapor aos serviços do novo Hospital da cêrca de S. Jerónimo, somos levados a prever a necessidade urgente da instalação de uma nova caldeira, que possa por si só fornecer todos os serviços existentes e previstos.

Com a aquisição desta nova caldeira, cuja instalação deve ser feita obedecendo às exigências mais modernas, deve ficar centralizado num único ponto o fornecimento de vapor, águas quentes e aquecimento, aos edifícios do Colégio das Artes, S. Jerónimo, Banco e Consultas Externas, Lavandaria, Laboratórios, Cozinhas, futuro Hospital da cêrca de S. Jerónimo, etc.

Esta caldeira deve ser prevista para uma capacidade de 200^m² de superfície de aquecimento, fornecendo vapor de 12 atm.

A caldeira «Cristoph», agora existente, deverá ser instalada, como reserva, ao lado da outra.

A caldeira «Babcok», deverá passar para a Maternidade Daniel de Matos, a-fim-de ali fornecer o vapor e aquecimento necessários.

A Central prevista deve ser instalada no fundo da cêrca dos Jesuítas, na Rua Abílio Roque, dando assim o declive indispensável para poderem ser aproveitadas as águas de retôrno do vapor condensado, as quais devem dar entrada novamente na caldeira com uma diferença de calorías não superior a 25° entre a entrada e a saída.

Para complemento da Central e para reparação urgente de qualquer serviço e, ainda, quando possível, para fabrico de alguns utensílios, segundo modelos especiais, para reparações e transformação de todo o mobiliário de ferro, e, finalmente, para a instalação de todos os maquinismos adquiridos, encontra-se montada uma pequena oficina mecânica de serralharia, tendo anexo os aparelhos indispensáveis para a soldadura a autogénio.

II

FABRICO DE GÊLO

Anexo à Central, encontra-se instalada a Fábrica de Gêlo, que pode produzir cêrca de 1.000 quilos em cada oito horas.

A Fábrica é composta de duas máquinas independentes, fabricando cada uma cêrca

de 500 quilos. Ao centro e entre os geradores do gelo, separando-os, encontra-se um frigorífico de grande capacidade, onde estão guardados o peixe, a carne, o leite, e todos os géneros de fácil deterioração.

Tanto esta Fábrica como a Central e Oficina de Serralharia. estão sob a direcção de um chefe maquinista.

III

OFICINA DE CARPINTARIA

Com o fim de poder mais facilmente fazer as reparações indispensáveis nos edificios e no mobiliário, foi instalada nos baixos do edificio da Lavandaria uma Oficina de Carpintaria Mecânica.

A montagem desta oficina trouxe grandes vantagens aos Hospitais, porquanto, não só as reparações dos edificios e do mobiliário ali têm sido feitas, mas também o mobiliário novo destinado, quer aos serviços ultimamente criados, quer mesmo aos já existentes.

IV

LAVANDARIA, FABRICO DE SABÃO E ESFARRAPADEIRA

Para estabelecimentos com um movimento operatório e de doentes como o dos Hospitais da Universidade de Coimbra, a instalação de uma Lavandaria mecânica era imprescindível, pois tornava-se quasi impossível lavar manualmente tantas e tão variadas roupas, a não ser com muito pessoal e grande existência de roupas de reserva.

A instalação e a organização destes serviços pode considerar-se modelar, porquanto já algumas vezes se tem conseguido que as roupas entradas na Lavandaria na parte da manhã, possam sair na tarde do mesmo dia, devidamente desinfectadas, lavadas e passadas a ferro.

A roupa devidamente encerrada em sacos selados, é enviada à zona séptica da Lavandaria por meio dum tubo condutor.

Ali é introduzida nas estufas de desinfectação a vapor ou formol, conforme os casos, e retirada depois de desinfectada pela zona aséptica, onde os sacos são abertos e a roupa contada na presença dos respectivos encarregados. Passa em seguida todos os trâmites necessários para lavar, secar e passar a ferro, e entra na rouparia pronta para ser devolvida aos serviços.

Na Lavandaria é também fabricado o sabão que na mesma se consome, e ainda o necessário a todos os outros serviços hospitalares.

ESFARRAPADEIRA — O trapo resultante das inutilizações feitas na Lavandaria é aplicado nos serviços de limpeza. Porém, quando êle nem para isto serve, é esterilizado conjuntamente com os resíduos dos pensos, algodão hidrófilo, compressas velhas, etc. (que antigamente faziam parte do lixo a queimar) e o produto assim tratado é submetido a uma máquina esfarrapadeira de grande produção, fabrico Paúl Trützschler & Gey, de Crimmitschau a. Sa (Alemanha), a qual o transforma em rama.

Esta rama, assim obtida, serve depois para encher colchões e travesseiros, utilizando-se desta forma os materiais até ao máximo da sua possível aplicação.

ESTERILIZAÇÃO DAS ROUPAS

Relatório do Director do Laboratório de Bacteriologia da Faculdade de Medicina,
Prof. Dr. Afonso Pinto

A esterilização das roupas dos Hospitais da Universidade é feita em estufas dos construtores Senkingwerck, A. G. (Alemanha) e Chauveau Frères, & Cie (Paris), as quais funcionam com vapor sob pressão, fornecido pela grande caldeira geradora.

As roupas vêm das enfermarias em sacos especiais, que são introduzidos dentro do grande cilindro do aparelho.

Fechado o cilindro hermêticamente, enche-se de água até ao nível médio, o que se verifica por uma torneira colocada no tampo do mesmo cilindro.

Feita a ligação com o vapor, a temperatura sobe e atinge 100°, decorrida aproximadamente meia hora. Nesta altura, o vapor de água sai pela torneira de ar, ligada ao aparelho. Deixa-se esta aberta durante alguns minutos, para expulsar, juntamente com o vapor, todo o ar contido dentro do aparelho, o que prejudicaria a esterilização e, só então, se fecha.

O vapor acumulado dentro da caldeira, traduz-se por um aumento de pressão, revelada no manómetro e por uma concomitante elevação de temperatura, indicada, por um termómetro.

Quando este atinge a temperatura de 110° — o que leva aproximadamente meia hora, — regula-se a introdução de vapor, de forma a ficar sempre constante aquela temperatura, que se deixa actuar durante *vinete minutos exactos*.

Nesta altura, está feita a esterilização. Só resta interromper a ligação com o gerador de vapor; abrir a torneira de ar, a-fim-de dar saída a todo o vapor de descarga da água, acumulado no aparelho; e abrir a torneira do ar a-fim-de dar saída à água lá existente.

A roupa é tirada, contada e mandada para a lavandaria, onde é convenientemente tratada, lavada, seca e brunida.

A esterilização feita nas condições acima expostas é *seguramente eficaz*. Experiências realizadas no Laboratório de Microbiologia mostram que todos os germes no estado de vida vegetativa, e ainda mesmo os micróbios esporulados, como a bacteridea carbunculosa, não puderam resistir à esterilização.

E, assim, é que ficaram negativas as sementeiras feitas com roupas artificialmente infectadas, com bacilo tífico, colibacilo, estafilococo e ainda com a bacteridea esporulada do carbúnculo.

COZINHAS A VAPOR

Para a confecção das dietas gerais, foi montada uma cozinha a vapor, nos baixos do Hospital do Colégio das Artes, cozinha esta que, prevendo o futuro, foi instalada para uma população hospitalar de 1000 doentes.

Esta cozinha, fornecida pela casa Senkingwerk A. G. de Hildesheim (Alemanha), funciona totalmente a vapor, estando montada com tôdas as exigências modernas, e rigor exigido pela hygiene.

Na Clínica Obstétrica foi também montada uma cozinha a vapor, que necessita ser em breve completada com os elementos que lhe faltam para o seu bom funcionamento.

Para completar os serviços de cozinha, torna-se necessário montar também uma cozinha a vapor para confecção das dietas para os quartos particulares, instalada nas mesmas condições da cozinha geral, mas para uma população de cerca de 100 a 150 pessoas.

VII

LAVAGEM E ESTERILIZAÇÃO DAS LOUÇAS

**Relatório do Director do Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina,
Prof. Dr. Afonso Pinto**

As louças de uso dos Hospitais da Universidade são lavadas e esterilizadas por um processo engenhoso, que põe ao abrigo das infecções qualquer pessoa que delas se tenha de servir.

Utiliza-se para isso um aparelho do construtor Senkingwerk, que se compõe de três grandes caldeiras, cheias de água, que é aquecida pelo vapor sob pressão, fornecido pelo grande gerador.

Na primeira caldeira, em que a temperatura se acha regulada de forma a não exceder 60 a 70 graus, para não partir as louças frias que nele se depositam, encontra-se um soluto de sabão, bastante concentrado, que tem por missão saponificar as gorduras aderentes à louça e, portanto, lavá-las facilmente; isto, além da sua relativa acção antiséptica e da acção térmica da própria água, que por si só é já bastante nociva à vida dos germes.

As louças mergulham neste soluto, aquecido por meio de um dispositivo apropriado, e ali se conservem durante dois ou três minutos. Decorrido este tempo, elas passam para a segunda caldeira, onde existe também um soluto de sabão, menos concentrado do que o primeiro, mas a uma temperatura mais alta, oscilando entre 80 a 90 graus e ali permanecem igualmente de dois a três minutos.

Esta caldeira tem por fim acabar de lavar e desgordurar as louças, operação iniciada na primeira caldeira; e além disso exercer uma acção esterilizante mais acentuada, preparando-as, assim, para sofrer a acção esterilizante definitiva.

Esta, passa-se na terceira caldeira, que só contém água, aquecida a uma temperatura de 90 a 100 graus. As louças permanecem ali os mesmos dois a três minutos, findos os quais a esterilização e lavagem são dadas por terminadas e o material é entregue ao serviço.

As experiências feitas no Laboratório de Microbiologia demonstram que esta esterilização é completa, perfeita e eficaz.

Com efeito, carregando pipetas Pasteur com emulsões bacterianas e fazendo-as seguir o caminho que as louças percorrem pelas três caldeiras, as sementeiras daquelas emulsões ficaram estéreis.

As experiências foram realizadas com o estafilococos, o colibacilo e o bacilo tífico e com todos estes germes os resultados foram concordantes.

Devemos frisar que a camada relativamente espessa, em que se encontravam os micróbios em experiência (parede de vidro da pipeta) e que os deviam furtar mais facilmente à acção esterilizante do calor e à acção antiséptica do sabão, permitem concluir dum modo seguro, que mais enérgica acção se deve exercer sobre os micróbios, que porventura se encontrem à superfície das louças.

VIII

OFICINAS DE REPARAÇÕES ELECTRICAS

A grande multiplicidade de applicações da energia eléctrica dentro dos Hospitais, quer na parte clínica, quer sobretudo na parte industrial, levou-nos a montar uma officina de reparações.

Adquiriram-se para isso, e instalaram-se, as máquinas mais modernas para bobinar os enduzidos dos motores, para carregar baterias, para verificar as installações, etc.

Tôdas estas máquinas e aparelhos se encontram a funcionar sob a direcção dum chefe electricista.

Como se vê do mapa discriminativo que acompanha êste relatório, encontram-se installados motores eléctricos industriais com a capacidade de cêrca de 175 H.P., não incluindo, é evidente, a aparelhagem eléctrica destinada aos serviços clínicos.

IX

FILTROS E CLARIFICAÇÃO DAS ÁGUAS

A água do Mondego chega muitas vezes às torneiras de abastecimento, turva, carregada de impurezas.

Tal facto força os consumidores a lançar nos esgotos grandes quantidades de líquido a-fim-de conseguir uma água relativamente clara.

Por outro lado, as canalizações da cidade deminuem rápidamente de calibre, em virtude de depósitos que encroscam as suas paredes.

Porquê?

Porque a água do Mondego é hipo-mineralizada, muito doce, muito arejada e, por isso mesmo, carregada de ácido carbónico e de oxigénio.

Tem, portanto, uma acção oxidante sôbre o ferro das paredes dos canos que a conduzem.

Daí resulta a produção de quantidade enorme de hidróxido de ferro (ferrugem) em suspensão na água das torneiras.

Essas impurezas, assim deslocadas, vão obstruir as canalizações e prejudicar os serviços, exigindo uma limpeza periódica dos canos, o que, num edificio como o Hospital, constitui uma verba de despêsa importante.

Para resolver êste problema, montámos um filtro clarificador de sílex, n.º 11, do construtor Robert Buron (Paris), que está funcionando logo a seguir ao contador, dando um débito de 1C^m³ de água por hora.

Por esta forma, impedimos a entrada, nas canalizações dos Hospitais, de impurezas suspensas na água dos colectores das ruas.

O clarificador Buron é limpo todos os meses mediante uma disposição interessante que facilita esta manobra; e é curioso observar, na lavagem do filtro, como a água sai turva durante uma boa meia hora.

Sob o ponto de vista económico, êste aparelho presta valiosos serviços: 1.º impede a entrada nas nossas canalizações de enormes massas de impurezas que a água traz em suspensão; 2.º as canalizações, por êste motivo, não se obstruem com o tempo, nem mesmo deminui o seu débito, o que aliás tanto prejudica os serviços; 3.º as caldeiras ficam livres

das tais impurezas suspensas na água e que muito as deterioram; 4.º os filtros da água potável não se conspurcam com tanta facilidade, podendo portanto permanecer em serviço durante períodos muito maiores, sem ser necessária a sua limpeza e esterilização.

É claro que o filtro clarificador detêm somente as matérias em suspensão na água que o atravessa, mas não suprime a acção oxidante da água clarificada sobre as canalizações colocadas depois do aparelho e que ela vai atravessar.

Para evitar a oxidação dos tubos de ferro da canalização era preciso colocar, depois do filtro clarificador, um aparelho que retivesse os gases da água (oxigénio e anidrido carbónico). Este aparelho (*filtre degazeur*) utiliza o princípio da absorção dos gases pelo carvão activo que, como sabemos, possui um poder absorvente muito elevado.

Presentemente, os construtores fabricam aparelhos desta natureza para aplicar a pequenas instalações, como por exemplo, habitações particulares. Porém, a indústria não conseguiu ainda fornecer aparelhos para grandes estabelecimentos, como os Hospitais da Universidade, que consomem dezenas de metros de água por dia.

A água, libertada pelo filtro das impurezas arrastadas da canalização da cidade, é recebida num grande reservatório, construído em cimento armado, e daí distribuída nos diversos serviços pela rêde interna.

Portanto, só temos a entrar em linha de conta com o hidróxico de ferro produzido nesta rêde, o que é, evidentemente, uma quantidade mínima, e, por isso mesmo, sem importância.

O caso é que a água assim tratada é praticamente boa e clara, pois que o filtro a libertou da grande maioria das impurezas que arrastava em suspensão.

Mas não quiere isto dizer que ela seja absolutamente límpida, porquanto, a água do Mondego, de vez em quando, contém uma pequena quantidade de argila coloidal e esta não é retida nos nossos filtros.

Para extrair a argila coloidal, é preciso adicionar à água um coagulante, depois decantá-la e por último passá-la pelo filtro clarificador.

Esta manobra viria complicar muito a técnica, sem que daí adviessem vantagens apreciáveis, sobre a clarificação simples que hoje empregamos.

ÁGUA POTÁVEL — A água, assim clarificada, contém as mesmas bactérias que anteriormente a inquinavam.

O aparelho a que nos acabamos de referir, repetimos, não faz mais do que receber a água turva e dar-nos água clara.

Para a tornarmos potável, como é sabido, utilizamos filtros de porcelana porosa, de porcelana de amianto, ou de terra de infusórios.

Em tôdas as enfermarias dos Hospitais há filtros de porcelana porosa, devidamente montados, e munidos de reservatórios destinados a recolher a água filtrada.

As velas dos filtros são substituídas de 10 em 10 dias por velas esterilizadas, encerradas em caixas também esterilizadas, tudo fornecido pela Farmácia.

Este sistema de filtros, como fornece o líquido gota a gota, obriga o consumidor a esperar um quarto de hora para obter um simples copo de água. É por isso que geralmente são montados sobre barris, destinados a receber o líquido filtrado.

Tal prática não deixa, contudo, de ter certos inconvenientes, como sejam, o contacto da água filtrada com o ar, as poeiras, a luz difusa, etc.

Para obviar a estes inconvenientes, adquirimos um filtro com velas de terra de infusórios, tipo T. F. do fabricante Buron, de Paris.

Cada uma destas velas fornece, com o débito de dois litros por minuto, água bacteriológicamente classificada como *muito pura*.

É o que se conclui do relatório do sr. Prof. Dr. Afonso Pinto.

**ANÁLISES SISTEMATIZADAS DE ÁGUA FILTRADA COM VELA DE TERRA DE INFUSÓRIOS,
FEITAS NO LABORATÓRIO DE BACTERIOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA**

Esterilizado convenientemente o filtro em 20 de Janeiro de 1933, foi éste ligado à canalização de água, fornecida pelo depósito da Cumeada. Depois de termos deixado filtrar uma grande quantidade de água, foi esta convenientemente colhida e imediatamente analisada.

Paralelamente foi feita, para térmo de comparação, a análise da água não filtrada, colhida numa das torneiras do Laboratório.

Os resultados vão expressos nos quadros seguintes :

1.ª Colheita, feita em 21 de Janeiro de 1933

	Titulo termófilo	Titulo cadibacilar	Resultado
Água do filtro	Superior a 4 e. c.	Superior a 100 c. c.	Água muito pura.
Água da torneira	" 1 e. c.	" 20 c. c.	Água pura.

2.ª Colheita, feita em 1 de Fevereiro de 1933

	Titulo termófilo	Titulo cadibacilar	Resultado
Água do filtro	Superior a 4 e. c.	Superior a 100 e. c.	Água muito pura.
Água da torneira	" 0.1 e. c.	" 50 e. c.	Água potável.

3.ª Colheita, feita em 15 de Fevereiro de 1933

	Titulo termófilo	Titulo cadibacilar	Resultado
Água do filtro	Superior a 0,2 e. c.	Superior a 100 e. c.	Água muito pura.
Água da torneira	" 0,01 e. c.	" 10 e. c.	Água potável.

4.ª Colheita, feita em 7 de Março de 1933

	Titulo termófilo	Titulo cadibacilar	Resultado
Água do filtro	Superior a 0,13 e. c.	Superior a 50 e. c.	Água pura.
Água da torneira	" 0,04 e. c.	" 0,5 e. c.	Água imprópria para consumo.

Fazendo o confronto das diferentes análises, vemos que o filtro é ainda eficaz passado mês e meio, *pelo menos*, após a sua beneficiação, visto fornecer ainda uma água pura.

No entanto, nota-se que o seu título termófilo vai diminuindo lenta e sucessivamente, passando de 4 e. c. (1.ª colheita), para 0,13 (4.ª colheita), índice de passagem lenta de germes termófilos.

Sendo o título colibacilar o índice mais importante da potabilidade, nota-se que éste se conservou inalterável durante vinte e cinco dias, pelo menos, (1.ª, 2.ª e 3.ª colheita), numa taxa superior a 109 e. c., o que representa, praticamente, ausência de coli.

Porém, no fim de mês e meio, aquele título baixou a 50, o que indica que nesta altura os micro-organismos começaram a atravessar o filtro.

Daqui se conclui que o filtro, embora a água ainda seja pura, necessita, por excesso de precaução, de uma nova beneficiação, a qual, como se vê, teria lugar só passado mês e meio após a primeira esterilização.

Laboratório de Microbiologia, em 19 de Março de 1933.

(a.) Afonso Pinto.

Por baixo do grande reservatório das águas, instalado no primeiro pavimento do Colégio das Artes, foi montado um grande filtro, do construtor Buron tipo F. T, com 15 velas de terra de infusórios, que fornece aproximadamente trinta litros de água por minuto.

As velas dêste filtro são mudadas mensalmente, e o Laboratório procede aos exames bacteriológicos necessários, para garantir aos doentes uma água sempre *muito pura*.

Relação das máquinas e aparelhos eléctricos existentes nos Hospitais da Universidade de Coimbra em Março de 1933

CENTRAL

Máquinas

- 1 Caldeira semi-fixa, marca «Garrett», com 16^{m²} de superfície de aquecimento.
- 1 Dita fixa, marca «Babcock», com 55^{m²} de superfície de aquecimento, para vapor sobreaquecido,
- 1 Dita «Cristoph & Unmack» com 120^{m²} de superfície de aquecimento.
- 1 Economizador para esta caldeira, com limpeza automática.
- 1 Aspirador para auxiliar a tiragem da chaminé.
- 2 Bombas para alimentação das caldeiras.
- 1 Motor eléctrico de 0,75 H. P. para limpeza do economizador.
- 2 Grupos eléctricos moto-bomba, para a elevação de águas, com motor de 2 H. P.

Electricidade

- 1 Cabine de alta tensão para corrente 6000/400/231 volts, 50 períodos, 50 K. V. A. de capacidade.
- 1 Alternador tipo BBC. de 15 K. V. A. de capacidade, 380 volts, 50 períodos, com excitatriz acoplada.
- 1 Quadro de distribuição, em mármore, com 9 circuitos alimentando tóda a rede eléctrica de força motriz e luz, dos Hospitais do Colégio das Artes e S. Jerónimo, Economato, Laboratórios e serviços industriais.
- 1 Grupo conversor de 0,75 H. P., 18 volts, para carga de baterias.
- 1 Redresseur «Philips» 6 amp., 32 volts.
- 1 Motor eléctrico de 10 H. P., para accionar o aspirador da chaminé.
- 1 Quadro eléctrico para o mesmo motor.
- 1 Grupo eléctrico moto-bomba, com motor de 5 H. P., para elevação a 30 metros de altura de cerca de 30^{m³} de água por hora.
- 1 Grupo igual, de reserva.
- 1 Clarificador das águas da canalização geral, fabrico de R. Buron, de Paris, para a capacidade de 600^{m³} de água, por dia.

Central telefónica

- 1 Central telefónica com 40 números, para a ligação interna dos Serviços Hospitalares.
- 1 Central com 5 aparelhos, para serviço exclusivo das Repartições da Secretaria.
- 5 Aparelhos telefónicos com Central própria, para serviço noturno.

Caldeiras de aquecimento

- 1 Caldeira a vapor, para aquecimento das salas de operações do Hospital do Colégio das Artes.
- 2 Caldeiras a água quente, para aquecimento do Hospital de S. Jerónimo.

Aquecimento de água

- 1 Caldeira, na cozinha dos quartos particulares, alimentando o Hospital de S. Jerónimo.
- 1 Caldeira, no novo Hospital do Castelo, alimentando as casas de banho deste Hospital.

Fabrico de gelo

- 1 Máquina completa, com gerador, para a capacidade de 500 quilos de gelo em 8 horas de trabalho, com compressor tipo horizontal.
- 1 Dito para a mesma capacidade, com compressor tipo vertical.
- 1 Câmara frigorífica, com 2 grupos eléctricos moto-bomba para circulação, com motores eléctricos de 1 H. P.
- 1 Aspirador eléctrico para ventilação da câmara frigorífica.
- 2 Motores eléctricos de 1 H. P. para mover as hélices dos geradores do gelo.
- 1 Motor eléctrico de 380 volts, 20 H. P., para accionamento dos compressores.
- 1 Dito de 12 1/2 H. P., como reserva do antecedente.

OFICINAS

Oficina de serralharia

- 1 Tórno mecânico com 120^{cm}. entre pontos.
- 1 Máquina de rebarbar.
- 1 Máquina de coluna, para furar ferro até 20^{mm}.
- 1 Dita até 12^{mm}.
- 1 Forja.
- 1 Aparelho completo para soldadura a autogénio.
- 1 Forja portátil.
- 1 Motor eléctrico de 4 H. P., corrente trif., 380 volts.

Oficina de carpintaria e marcenaria

- 1 Serra fixa com volantes de 80^{cm} de diâmetro.
- 1 Garlopa «Universal» com cilindro de 40^{cm} de largura.
- 1 Tupia com mêsca de 80^{cm}
- 1 Tórno para madeira, com 2 metros entre pontos.
- 1 Motor eléctrico de 10 H. P.
- 1 Dito de 2 H. P.
- 1 Serra circular com disco de 40^{cm}.
- 1 Motor eléctrico de 2 H. P.

Oficina de pintura

- 1 Moínho para tintas.
- 1 Motor eléctrico de 1/2 H. P.

Oficina de electricista

- 1 Máquina automática para bobinar induzidos até $260 \times 100^{\text{mm}}$, com motor eléctrico acoplado de $\frac{1}{6}$ H. P.
- 1 Dita para induzidos de $500 \times 150^{\text{mm}}$, com motor eléctrico de $\frac{1}{4}$ H. P.
- 1 Dita para bobinar em redondo e quadrado, com dispositivo automático para colocar papel por camada de fio, com motor eléctrico de $\frac{3}{10}$ H. P.

ECONOMATO

- 1 Máquina de enrolar ataduras automaticamente.
- 1 Dita para cortar pensos e ataduras.
- 1 Motor eléctrico de 2 H. P.
- 5 Máquinas de costura, accionadas a motor eléctrico.
- 2 Ferros eléctricos para passar roupa.
- 1 Esfarrapadeira, grande modelo.
- 1 Motor eléctrico de 10 H. P.
- 1 Elevador eléctrico «Ottis Pifre». para carga de 1000 quilos, com motor de 7 H. P.

LAVANDARIA

- 3 Máquinas para lavar roupa, fabrico de «Cheauvaux Frères», de Paris, para a capacidade de 60 quilos.
- 2 Ditas, fabrico de «Senkingwerk», de Hildesheim (Alemanha) para a mesma capacidade e com motor eléctrico directamente acoplado, de 4 H. P. cada.
- 1 Calandra da mesma fábrica supra, com aquecimento directo por vapor, com cilindros de 3 metros de comprimento.
- 1 Dita de «Cheauvaux Frères», do mesmo tamanho supra.
- 3 Hidro-extractores, da mesma fábrica supra.
- 1 Barreleiro para 500 quilos de capacidade.
- 1 Dito para 250 quilos de capacidade.
- 3 Carros para o transporte de roupas.
- 2 Esterilizadores horizontais com alimentação a vapor.
- 2 Motores eléctricos de 10 H. P. para as calandras.
- 1 Dito de 10 H. P. para os hidros.
- 1 Dito de 2 H. P. para um hidro.
- 1 Dito de 10 H. P. para as máquinas de lavar.
- 1 Aparelho para o fabrico de sabão, alimentado a vapor.
- 4 Ferros eléctricos para passar a roupa.
- 2 Estufas para a secagem da roupa.

COZINHAS E DESPENSA

Despensa

- 1 Moínho para café.
- 1 Motor eléctrico de $\frac{1}{2}$ H. P.

Cozinha geral

- 1 Cozinha a vapor, para 1000 doentes, composta de :

- 1 Frigideira, para vapor a alta pressão.
- 1 Caldeira de 500 litros, para carne.
- 1 Dita para sopa.
- 1 Dita de níquel puro, para o leite.
- 1 Dita para batatas.
- 1 Dita para legumes.
- 1 Grupo, de duas marmitas, em níquel puro, para dietas especiais.
- 1 Dito para chá e café.
- 1 Mesa-estufa, com aquecimento a vapor, de 2,50 metros de comprimento.
- 1 Máquina para descascar batatas, com motor eléctrico directamente acoplado, de $\frac{1}{2}$ H. P.
- 2 Monta-cargas «Ottis Pifre», com movimento por botões, para a capacidade de 250 quilos e motores eléctricos de 2 e 3 H. P.
- 1 Máquina de lavar e esterilizar louça, fabrico «Soukingwerk» com motor eléctrico, de 2 H P.

Cozinha do Hospital de S. Jerónimo

- 1 Monta-pratos «Ottis Pifre» para 60 quilos de carga, com motor eléctrico de $\frac{3}{4}$ H. P.
- 1 Máquina para lavar e esterilizar louça, «Senkingwerk», com motor eléctrico de 1 $\frac{1}{2}$ H. P.
- 1 Aspirador eléctrico, «Protos».
- 1 Aspirador eléctrico, «Progress».
- 1 Projector de luz ascíatic, fabrico da casa Gallois.

Cozinha da Clínica Dr. Daniel de Matos.

- 1 Cozinha a vapor, para 100 doentes, composta de :
 - 1 Marmita para sôpa.
 - 1 Dita para batatas.
 - 1 Dita para legumes.
 - 1 Dita para leite.
 - 1 Frigideira.
 - 1 Mesa-estufa com 1,50 de comprimento.
 - 1 Aparelho niquelado, para café.
 - 1 Dito para chá.
 - 1 Fogão.
- 1 Caldeira vertical, geradora de vapor, com 12^m2 de superfície de aquecimento, para vapor de 6 atm.

FARMACIA E LABORATÓRIOS

Farmácia

- 1 Máquina de escrever portátil «Underwood».
- 1 Fogão eléctrico «Prometeus», de 1600 w.

Laboratório de hipodermia

- 3 Autoclaves verticais, fabrico da casa «Lequeu», modelo Chamberlain.
- 1 Máquina para encher ampolas, com motor eléctrico directamente acoplado.
- 1 Compressor para alimentar as pistolas de fechar ampolas.
- 3 Pistolas para fechar ampolas.
- 2 Maçaricos para encher ampolas.

- 1 Estufa eléctrica modelo de «Poupinel».
- 1 Máquina para fazer comprimidos, fabrico «Henig & Martin».
- 1 Prensa de Laboratório.
- 1 Motor eléctrico de 1 H. P., para a máquina de comprimidos.
- 1 Aparelho gazo-génio para o fabrico de gaz de gazolina, para alimentação dos Laboratórios.
- 1 Aparelho de cortar ampolas.

Laboratório de fisico-química e química biológica

- 1 Estufa eléctrica.
- 3 Candeeiros portáteis.

ARSENAL CIRÚRGICO

- 1 Instalação central de aspiradores cirúrgicos com gerador automático, sistema do Dr. Th. Du Martel, construção da casa R. Toury, com motor eléctrico de 1 H. P.
- 1 Caixa de instrumentação de Albi, fabrico da casa Drapier, funcionando com motor eléctrico de $\frac{1}{6}$ H. P.
- 1 Pulverizador a vapor, modelo Lucas Championière, construção Drapier.

CENTRAL DE ESTERILIZAÇÕES

- 2 Estufas para esterilização de instrumentos cirúrgicos, modelo Poupinel, fabrico da casa Guyot.
- 1 Monta-cargas eléctrico, fabrico da casa Ottis Pifre, para a capacidade de 60 quilos, com motor eléctrico de $\frac{3}{4}$ H. P.
- 2 Autoclaves horizontais, modelo «Sercly», fabrico da casa Lequeu.
- 4 Autoclaves verticais, modelo «Chamberlain», fabrico da casa Lequeu.
- 1 Autoclave para esterilização de águas, para a capacidade de 500 litros.

SALAS DE OPERAÇÕES, ENFERMARIAS, ETC.

Sala de Operações — mulheres

- 1 Motor aspirador cirúrgico, sistema do Dr. Th. Du Martel, com equipamento para o trépano e para termo-cautério, fabrico da casa R. Toury, com motor eléctrico de $\frac{1}{6}$ H. P.
- 1 Electro-cautério portátil, fabrico da casa Drapier.
- 1 Aparelho Pantophos-Zeiss, fabrico da casa Karl Zeiss.
- 1 Projector de luz asciático, fabrico da casa Gallois & C.^a.
- 1 Fogareiro eléctrico, fabrico Prometheus, com 1600 w. de cons.
- 1 Ebulidor eléctrico Prometheus, 1500 w.

Sala de Operações — homens

- 1 Electro-bisturi, modelo da casa GaiFFE, montado sobre rodas.
- 1 Electro-bisturi, modelo da casa Chenaille, montado sobre rodas e servindo também para aplicação de diatermia.

1 Aparelho de diatermia, modelo da casa Drapier, para aplicação da diatermia de Pocher, montado sobre rodas.

1 Aparelho de diatermia, modelo da casa Gaiffe, para diatermia, alta frequência e diatermo-coagulação.

1 Motor aspirador cirúrgico, fabrico da casa Toury, modelo Dr. Du Martel, com dispositivo para o trépano e termo-cautério.

1 Electro-cautério, fabrico da casa Drapier, montado sobre rodas.

1 Electro-cautério portátil, modelo da casa Emilio Franz.

1 Aparelho de soro, para a capacidade de 20 litros, modelo do Dr. Ângelo da Fonseca, fabrico da casa Guyot.

1 Aparelho Pantophos-Zeiss, fabrico da casa Karl Zeiss.

1 Projector de luz scialitic.

1 Projector de luz portátil para iluminação do campo operatório.

1 Fogareiro eléctrico Prometheus, para 1600 w.

1 Ebulidor eléctrico Prometheus, para 1500 w.

1 Radiador eléctrico fabrico da casa Guyot.

1 Aparelho eléctrico para secar as mãos, comando a pedal, tipo manos — Foen, Sanitas.

1 Electro-cautério «Erbe», de grande capacidade.

Clínica Urulógica — homens

1 Estufa eléctrica, fabrico da casa Gentile.

1 Fogareiro eléctrico, Prometheus, 1600 w.

1 Pantostato tipo «Universal» portátil, para cautério, luz, ar quente e massagem vibratório, modelo da casa Gaiffe.

Quartos de Urologia

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1700 w.

1 Encerador Monopol.

3.ª Clínica Cirúrgica — homens

1 Projector de luz asciatric, fabrico da casa Gallois.

1 Fogareiro eléctrico, «Prometheus», 1600 w.

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

1.ª Clínica Cirúrgica — homens

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

Clínica Ortopédica

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

3.ª Clínica Médica — homens

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

4.ª Clínica Médica — homens

1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

1 Electro-cardiógrafo.

3.ª Clínica Médica — mulheres

- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Monopol».

2.ª Clínica Médica — mulheres

- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.

4.ª Clínica Médica — mulheres

- 1 Radiador eléctrico 600 w.
- 1 Aspirador, «Progress».

Clínica Neurológica — mulheres

- 1 Fogareiro eléctrico, «Prometheus», 1600 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Ideal».

1.ª e 2.ª Clínica Cirúrgica — mulheres

- 1 fogareiro eléctrico, «Prometheus», 1600 w.
- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico «Monopol».
- 1 Dito eléctrico «Ideal».
- 1 Aspirador eléctrico, «Progress».

Quartos particulares — Cirúrgia mulheres

- 1 Fogareiro eléctrico «Prometheus», 1600 w.
- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico «Protos».

3.ª Clínica Cirúrgica — mulheres

- 1 Fogareiro eléctrico, «Prometheus», 1600 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Protos».
- 1 Dito «Ideal».
- 1 Aspirador «Progress».

Quartos particulares — 1.ª andar

- 1 Projector de luz asciático, fabrico da casa Gallois.
- 1 Aspirador eléctrico com moto-bomba de $\frac{1}{10}$ H. P. modelo do Prof. Lequeu, fabrico da casa Drapier.
- 2 Ebulidores eléctricos, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Fogareiro eléctrico, «Prometheus», 1600 w.
- 4 Radiadores eléctricos, modelo da casa Guyot.
- 3 Aspiradores eléctricos, «Progress».
- 1 Encerador «Monopol» tipo II.
- 1 Encerador eléctrico, «Protos Siemens».
- 1 Dito «Ideal».
- 4 Reservatórios em cobre, com resistências eléctricas, para aquecimento de água.
- 1 Aparelho para esterilização de água por helioterápia, sistema do Dr. Paúl.

1 Elevador eléctrico Ottis-Pifre, para transporte de doentes, movimento por botões, com motor de 5 H. P.

Quartos particulares — 2.º andar

- 1 Fogareiro eléctrico, «Prometheus». 1600 w.
- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 3 Aspiradores eléctricos, «Progress».
- 1 Encerador eléctrico, «Monopol II».
- 1 Dito «Proto Siemens».
- 1 Dito «Ideal».

Dispensário anti-tuberculoso.

- 1 Aparelho de Raios X, fabrico da casa GaiFFE.
- 1 Aparelho de epilação, da mesma fábrica.
- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Aspirador eléctrico, «Progress».

Clínica Dermatológica — homens

- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Monopol».

Clínica Dermatológica — mulheres.

- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», de 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Monopol».
- 1 Monta-cargas eléctrico para 250 quilos, movimento por botões, com motor de 1 1/2 H. P.
- 1 Aspirador eléctrico, «Progress».

Banco

- 1 Ebulidor eléctrico, «Prometheus», 1500 w.
- 1 Reservatório em cobre, com resistências eléctricas, para aquecimento de água.

Clínica Dr. Daniel de Matos.

- 1 Estufa eléctrica para esterilização, modelo «Poupinel», fabrico da casa Guyot.
- 1 Aparelho de Raios ultra-violetas.
- 1 Ebulidor eléctrico «Prometheus», 1500 w.
- 1 Encerador eléctrico, «Monopol».

RADIOLOGIA

- 1 Aparelho para Roegenterapia profunda, fabrico de GaiFFE Gallot & Pilon, de Paris, para a capacidade de 200.000 volts, 10 miliamp. e 4 kenotrons.
- 2 Ampolas de reserva.
- 2 Kenotrons de reserva.
- 1 Aparelho de Raio X com mesa oscilante, fabrico de GaiFFE Gallot & Pilon, Paris, modelo «S. 4», com 4 válvulas kenotrons para radiografia e radiosopia.

- 2 Radiadores eléctricos de 3 kw cada.
- 2 Ventoínhas eléctricas.
- 1 Ascensor eléctrico para o transporte de doentes, fabrico Ottis Pifre, de Paris, para a carga de 350 quil., com motor eléctrico de 5 H. P.

Consulta externa de ortopedia

- 1 Aparelho de Raios Ultra-violetas, fabrico da casa Gallois.
- 1 Aparelho de Raios Infra-vermelhos, fabrico da casa Gallois.
- 1 Aparelho de Raios X, modelo portátil, da casa Gaiffe.
- 1 Radioforo de Fournier.
- 1 Aparelho eléctrico para applicação de duches a ar quente, com dispositivo para massagem vibratória.
- 1 Aparelho eléctrico para duches de ar quente, modelo da casa Drapier.
- 1 Aparelho manual para applicação de duches de ar quente.
- 2 Aparelhos manuais para applicação de massagens vibratórias.
- 1 Aparelho para mobilização das articulações dos membros inferiores, modelo da casa Rossel Schwart & C.^a.
- 1 Dito para a mobilização da articulação do joelho.
- 1 Dito » » » coxo-femural.
- 1 Dito » » » tibio-társica.
- 3 Ditos » » » escápulo-umeral.
- 2 Ditos » » » do cotovelo.
- 1 Dito » » » rádio-cárpica.
- 1 Dito » » » das falanges.
- 1 Dito » ginástica.
- 2 Ditos » a correcção da coluna vertebral e applicação do colete gessado.

Prestaram o seu concurso na organização dêste Relatório, os funcionários dêstes Hospitais, Senhores:

- Luiz Machado Feliciano*, Contabilista;
- António Augusto Machado*, Ecónomo; e
- João dos Reis*, Chefe de Obras

aos quais apresentamos os nossos agradecimentos.

RADIOLOGIA





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329704142

